

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**CARACTERIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS TÁTICAS
FUNDAMENTAIS PARA JOGADORES DE FUTSAL ATINGIREM
DESEMPENHOS CONSIDERADOS DE EXPERTOS NA MODALIDADE**

Kaueh Vinicius Ramos Rossetto
2019

CARACTERIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS TÁTICAS FUNDAMENTAIS PARA
JOGADORES DE FUTSAL ATINGIREM DESEMPENHOS CONSIDERADOS
DE EXPERTOS NA MODALIDADE

Kaueh Vinicius Ramos Rossetto

Dissertação apresentada a Faculdade de Desporto com vista a obtenção do 2º
ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Treino Desportivo (Decreto-
lei nº 74/2006 de 24 de março).

Orientador:

José Guilherme Granja de Oliveira, PhD

Porto, 2019

Ficha de Catalogação:

Rossetto K. (2019). *Caracterização das competências táticas fundamentais para jogadores de futsal atingirem desempenhos considerados de expertos na modalidade*. Porto: K. Rossetto. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo, apresentado a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: FUTSAL, INDICADORES DE COMPETÊNCIA, ESTRATÉGIA, TÁTICA, MOMENTOS DO JOGO.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois tem sido muito generoso em minha vida.

Aos meus pais Ronaldo Rossetto e Ivonete Ramos Rossetto, que são exemplo de caráter, humildade, generosidade e servem como verdadeira inspiração para que eu continue trilhando o caminho de trabalho e honestidade que eles ensinam durante toda esta trajetória, e sem os quais este sonho não se tornaria realidade.

Às minhas avós Marina Helena Ramos Silva que é exemplo de respeito, dignidade e sabedoria e Isolina Rossetto que do firmamento tenho certeza, sempre abençoou meus passos.

A minha namorada Ana Flávia pela paciência e apoio neste momento, e meu irmão que sempre esteve ao meu lado

Aos peritos deste trabalho pelo apoio e solicitude para com este pesquisador.

Ao professor José Guilherme pela orientação, generosidade e grandes ensinamentos.

Índice Geral

Agradecimentos	v
Índice Geral	vii
Índice de Quadros	ix
Índice de figuras	x
Índice de anexos	xi
Resumo	xiii
Abstract	xv
CAPÍTULO I	1
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 PERTINENCIA E AMBITO DO ESTUDO	3
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	4
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	5
CAPÍTULO II	7
2. REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1 FUTSAL	9
2.2 FUTSAL EM PORTUGAL	12
2.3 FUTSAL: MOMENTOS DO JOGO	14
2.4 FUTSAL: ESTATUTOS POSICIONAIS	27
2.5 FUTSAL E SUA FACE DINÂMICA	31
2.6 FUTSAL: UM JOGO COGNITIVO	46
CAPÍTULO III	55
3. OBJECTIVOS DO ESTUDO	55
3.1 OBJECTIVO GERAL	57
3.2 OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	57
CAPÍTULO IV	59
4. METODOLOGIA	59
4.1 FORMATAÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS, E CONTRUTO DOS INDICADORES	61
4.2 ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E PERITAGEM	64
4.3 PROCEDIMENTO ESTATÍSTICO	66
4.4 ANÁLISE DOS PERITOS	67
CAPÍTULO V	69
5. RESULTADOS	69
CAPÍTULO VI	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
CAPÍTULO VII	91
7. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS	91

CAPÍTULO VIII.....	95
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

Índice de Quadros

Quadro 1: resultados de Portugal na copa do mundo de futsal.	13
Quadro 2: resultados de Portugal no campeonato europeu de futsal.	13
Quadro 3: Melhores equipas de futsal do mundo 2017 Fonte: (“BEST CLUB IN THE WORLD,” 2017)	62
Quadro 4: Jogadores Observados	62
Quadro 5: Quadro de peritos	67
Quadro 6: Indicadores válidados estatuto posicional fixo	74
Quadro 7: Indicadores de competência tática validados estatuto posicional alas	78
Quadro 8: Indicadores de competência tática validados estatuto posicional pivôs	83

Índice de figuras

Figura 1: desenho tático 2.2 Fonte: adaptado de (Santana, 2008)	16
Figura 2: desenho tático 2.1.1 Fonte: adaptado de (Voser, 2001)	17
Figura 3: desenho tático 3.1 Fonte: adaptado de (Santana, 2008)	18
Figura 4: desenho tático 4.0 Fonte: adaptado de (Santana, 2008)	19
Figura 5: desenho tático 1.2.2 "ASA" Fonte: adaptado de (Santana, 2008)	20
Figura 6: desenho tático 2.3 Fonte: adaptado de (Santana, 2008)	21
Figura 7: Linhas de defesa Fonte: adaptado de (FERRETTI, 2000)	24
Figura 8: Gráfico de indicadores de competência tática ofensiva fixo	71
Figura 9: Gráfico de Indicadores de competência tática defensiva fixo	72
Figura 10: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição ofensiva fixo ...	73
Figura 11: Gráfico de Indicadores de competência de transição defensiva fixo	73
Figura 12: Gráfico de Indicadores de competência tática ofensiva Ala	75
Figura 13: Gráfico de Indicadores de competência tática defensiva ala	76
Figura 14: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição ofensiva ala.....	77
Figura 15: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição defensiva alas .	78
Figura 16: Gráfico de Indicadores de competência tática individual ofensiva Pivô.....	80
Figura 17: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais defensivas pivô	81
Figura 18: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais de transição ofensiva pivô.....	82
Figura 19: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais de transição defensiva pivô.....	83

Índice de anexos

Anexo I: Declaração de consentimento.XVII

Anexo II: Questionário aos peritos.XVIII

Resumo

A inteligência tática tem sido fator de atenção dos treinadores e dos principais investigadores e teóricos dos jogos desportivos coletivos e por consequência do futsal. Os autores demonstram a importância das competências táticas para se jogar inteligentemente com o intuito de se obter uma melhoria de performance no jogo. Neste contexto quais são as competências táticas que os jogadores devem dominar para atingir desempenhos considerados de experts no futsal? Lançando mão desta problemática a presente dissertação se desenvolveu com intuito de identificar um conjunto de indicadores que permitem reconhecer as competências táticas fundamentais para jogadores de futsal. Neste sentido, o estudo procurou evidenciar a caracterização do jogo de futsal em sua lógica interna e reconhecer os aspetos que caracterizam o jogador de futsal competente. Para tal, a investigação demandou as seguintes etapas: cruzamento de informações para construção de categorias e subcategorias baseado na literatura especializada, desenvolvimento de indicadores de comportamentos a partir da observação de jogadores modelo em jogo, elaboração de questionário semiestruturado e, por fim, peritagem para validação do construto dos indicadores de competência tática. Os 5 peritos responderam ao questionário com relação ao grau de concordância (escala do tipo Likert adaptada) a cada indicador, foram analisadas as frequências relativas de concordância. Para a validação do indicador a consensualidade dos experts deveria atingir o grau de corte de 80%. Foram validados 23 indicadores, destes 73,91% foram validados em todos os estatutos posicionais, corroborando com a tese de que cada vez mais os jogadores de futsal devem ser universais. Desta forma, surge com essa pesquisa um instrumento de ancoragem para observações e decisões com referência aos aspetos da competência tática dos jogadores de futsal.

Palavras-chave: FUTSAL, COMPETÊNCIA, ESTRATÉGIA, TÁTICA, MOMENTOS DO JOGO.

Abstract

Tactical intelligence has been a factor of attention of coaches and main researchers and theorists of collective sports games, and as consequence, futsal. Authors demonstrate the importance of tactical competences to play cleverly with the intent of obtaining a better performance at the game. In this context, what are the tactical competences that futsal players must dominate to establish in the main team? Handling this issue, this thesis developed with the intent of identify a set of indicators that allow recognizing fundamental tactical competences for futsal players. In this sense, this research sought to highlight the characterization of futsal game in its internal logic and recognize the aspects that characterizes the competent futsal player. For this investigation, it was demanded the following steps: Information crossing for construction of categories and subcategories based on specialized literature, development of behavior indicators from watching model players during games, elaboration of semi-structured questionnaire, and finally, expert opinion to validate the construction of tactical competences indicators. 5 experts answered the questionnaire related to the agreement level (adapted Likert scale) to each indicator, the relative frequency of agreement was analyzed. To validate the indicator, the expert consensus should attain the cut degree of 80%. 23 indicators were validated, and 73,91% of these, were validated in all positional statutes, corroborating with the thesis that increasingly futsal players must be universal. So, with this research, an instrument of anchorage comes up, to observation and decision with reference of tactical competences aspects of futsal players, and its applicability inside the context of teams in different stages of the process of player formation, such as its selection at the moment of obtaining results.

Key-words: FUTSAL, COMPETENCE, STRATEGY, TACTICAL, GAME MOMENTS.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

1.1 PERTINENCIA E AMBITO DO ESTUDO

Os jogos desportivos coletivos apresentam uma vasta gama de solicitações, Garganta (2006a) aponta entre as exigências: ações técnicas específicas, intensa atividade psíquica, além de uma demanda energética funcional, o autor faz uma reflexão acerca dos jogos desportivos coletivos e aponta cinco dilemas aos quais os jogadores dessas modalidades são confrontados: o quê, como, quando, onde e porque fazer.

O futsal se enquadra neste contexto, pois se caracteriza em um confronto entre 10 jogadores divididos em duas equipes e constrangidos por uma quadra de espaço reduzido, compreendendo 40m de comprimento por 20m de largura. Greco e colaboradores (2013) emolduram o futsal como um jogo de invasão, caracterizado pela participação simultânea de duas equipes em um espaço comum e com particularidades, que apelam a inteligência dos jogadores. Com estas evidências os cinco dilemas levantado acima se fazem presentes de forma profunda no futsal.

Em uma equipe de desporto coletivo dentro de uma estratégia coletiva surgem as especialidades, ou seja, cada indivíduo será um ator dentro das exigências coletivas. Sua equipa reclamará dos jogadores uma função específica, que associada à de seus companheiros formatarão o desempenho coletivo da equipe (Guilherme, 2004), fica evidente que o jogador com bom conhecimento tático específico é um pressuposto fundamental na formação de uma equipe, as competências táticas individuais dos jogadores serão evocadas em todos os momentos de tomadas de decisão. No futsal esta premissa, também, se faz presente Santana (2004) explica que o desenvolvimento das competências táticas dos jogadores de futsal deve ser uma constante nos treinamentos, o autor advoga que um jogador competente taticamente terá mais probabilidades de sucesso nas escolhas que faz durante uma partida.

Segundo Braz (2006) as metodologias e formas de se otimizar o rendimento de jogadores e equipes tem suscitado grande atenção por parte dos treinadores e investigadores de jogos desportivos coletivos, o autor menciona que existe uma preocupação acerca de explicações que possam elucidar as abordagens e processos de treino com o intuito de se buscar a máxima eficácia de jogadores e equipes durante o jogo.

Porém Amaral e Garganta (2005) explicam que mesmo com a evidência de que, devida às suas características, o jogo de futsal, assim como de outros jogos desportivos coletivos reclame de seus jogadores um alto nível de inteligência tática, este tema carece de investigação, os autores afirmam que as pesquisas na modalidade estavam concentrados nos aspetos energéticos-funcionais, sendo que somente recentemente as investigações se têm debruçado sobre as particularidades tático-técnicas no futsal.

Assumindo a inteligência tática como um fator de importância nos jogos desportivos coletivos, e por consequência de suas características o futsal, impõe maior preponderância desta na sua lógica interna, porém Braz (2006) adverte que devido a uma reduzida elucidação científica torna-se difícil aceder a um corpo de conhecimentos em relação ao futsal que permita a treinadores e investigadores perceberem o estado evolutivo dos conhecimentos acerca dos fatores que sustentem os processos de condução do treinamento e do jogo referentes as competências táticas que poderão formar um jogador inteligente para o jogo de futsal. Ainda segundo o autor este fator faz com que os treinadores sejam obrigados a assumirem um papel central e único no processo de formação de sua equipe, de uma forma geral o treinador não dispõe de uma base científica que o possa auxiliar na caracterização do jogador inteligente. Em consequência disto cada treinador realiza de forma subjetiva sua caracterização do jogador inteligente.

Atendendo aos autores supracitados os treinadores e investigadores devem alavancar suas atenções em direção às competências que possam em conjunto elucidar de forma objetiva o jogador inteligente no futsal, justificando investigações que possam auxiliar os formadores a otimizar seus treinamentos com o intuito de criar condições para que seus jogadores em formação possam desenvolver ao máximo suas competências táticas e que os selecionadores de jogadores possam identificar o jogador inteligente para integrar suas equipes.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Como já apresentado, a inteligência tática tem sido fator de atenção dos treinadores e dos principais investigadores e teóricos dos jogos desportivos coletivos e por consequência do futsal. Os autores supracitados demonstram a

importância das competências táticas para se jogar inteligentemente com o intuito de se obter uma melhora de performance no jogo.

Neste contexto quais são as competências táticas que os jogadores de futsal devem dominar para atingir desempenhos considerados de expertos no futsal? Ou seja, caracterizar indicadores que os jovens jogadores devem apresentar fundamentalmente do ponto de vista da inteligência tática para ingressarem e firmarem-se em uma equipa adulta de futsal.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho é identificar na literatura existente os principais indicadores de competências táticas já elencados, observar em jogadores modelo a utilização destas competências em jogo e, por fim, apresentar os indicadores de competências identificados e observados para a apreciação de peritos em futsal para validação dos mesmos, com o intuito de se estabelecer uma grelha de indicadores de competências táticas para uma observação objetiva dos jogadores de futsal, bem como para o auxílio do desenvolvimento de metodologias, treinamentos e estratégias que abarquem as competências táticas com intuito de desenvolver de forma ótima os jovens jogadores de futsal no processo de formação.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

No **primeiro capítulo** INTRODUÇÃO, procura-se justificar a pertinência do estudo baseando-se na literatura existente, delimitar o problema e apresentar a formulação e estrutura do trabalho

O **segundo capítulo** consiste em uma REVISÃO DE LITERATURA que pretende evidenciar o estado da arte em que se encontra a investigação no futsal, elucidando a caracterização do jogo, seu desenvolvimento, seu estado atual em Portugal, no Brasil e no mundo. Apresentar as fases do jogo, a caracterização dos estatutos posicionais, demonstrar a importância da inteligência tática no jogo de futsal e a aplicação desta na montagem do treinamento e da estratégia das equipas de futsal bem como tentar compreender a evolução das estratégias táticas e funções táticas individuais dos jogadores de futsal.

O **terceiro capítulo** enuncia os OBJECTIVOS DO ESTUDO, este capítulo elenca os objetivos gerais e específicos do estudo.

No **quarto capítulo** pretende-se evidenciar a METODOLOGIA, caracterizando as formas de elucidação dos indicadores, a apreciação dos indicadores pelos peritos, justificando as formas e caracterização dos indicadores. Definindo os instrumentos da investigação e suas normas de aplicação, bem como apontando os métodos e procedimentos utilizados.

O **quinto capítulo** se destina a apresentar os RESULTADOS e pretende-se discutir e compará-los com a literatura existente.

Já o **sexto capítulo** apresentará a CONCLUSÃO da investigação

O **sétimo capítulo** consiste nas SUGESTÕES PARA NOVOS ESTUDOS, apontando novas linhas de pesquisa para a continua evolução do exporte.

No **oitavo capítulo** serão apresentadas as REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS que pautaram a presente pesquisa.

Finalmente, o **nono capítulo**, serão incluídos os ANEXOS, como o modelo de questionário aplicado aos peritos.

CAPÍTULO II

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUTSAL

Prestes a completar 9 décadas de seu surgimento, e 11 edições das copas do mundo disputadas, o futsal se consolidou como um dos desportos mais praticados no mundo (Saad, 1997). Os anos 90 foram de forte evolução da modalidade, porém uma polêmica ronda a criação do desporto em questão.

Ramírez Amor e colaboradores (1998) explicam que existem duas vertentes sobre a criação do futsal. Uma remonta a Montevideo dos anos 30, capital do campeão mundial da copa do mundo de futebol. Na época o Uruguai via uma explosão da prática do futebol em decorrência do êxito em nível mundial de sua seleção, então o professor Juan Carlos Ceriani observando que muitas crianças praticavam o futebol em quadras de basquetebol e o faziam neste contexto pela escassez de campos de futebol. Braz (2006) conta que o professor Ceriani resolveu então adaptar a prática do futebol ao contexto das quadras.

As regras foram adaptadas de várias modalidades como por exemplo do basquetebol, que influenciou o número de jogadores em cada equipe, o andebol que inspirou as dimensões da quadra bem como a proibição de se rematar à baliza de dentro da área de gol. O polo-aquático referenciou toda a regulamentação referente ao guarda-redes e o futebol serviu como base principal na criação do então chamado futebol de salão, que foi segundo Voser (2001) praticado e divulgado na então Associação Cristã de Moços de Montevideo (ACM).

Outra corrente defende, segundo Saad (2002), que o futsal deve a sua origem na ACM de São Paulo, no Brasil, país este que até então não havia vencido o campeonato mundial de futebol, porém tinha uma popularidade muito grande. No entanto, o motivo para a prática e surgimento do então futebol de salão foi o mesmo, a dificuldade em encontrar campos de futebol, o que obrigou os praticantes do futebol a realizarem seus jogos em quadras de basquetebol e hóquei de patins, nascendo assim, segundo esta vertente, na década de 40 o futebol de salão em São Paulo.

Mesmo sem ter a definição clara de onde surgiu o futsal, Santana (2004) afirma que foi no Brasil onde a modalidade ganhou popularidade e arrebatou

uma multidão de praticantes rivalizando com o futebol a posição de desporto mais praticado no país.

Os anos subsequentes foram de consolidação do futsal como uma modalidade de nível nacional e, posteriormente, internacional. Braz (2006) conta que em 1971, na cidade do Rio de Janeiro, foi criada a FIFUSA, federação internacional de futebol de salão, que tinha como objetivo regulamentar o desporto em nível mundial bem como contribuir com sua expansão. O primeiro presidente foi o brasileiro João Havelange que futuramente viria a se tornar presidente da FIFA. Porém, a FIFUSA teve pouca projeção internacional, enfrentando certa resistência das federações nacionais que mantiveram regras diferentes, dificultando, desse modo, a difusão internacional e unificação da modalidade. A FIFUSA organizou três campeonatos mundiais com moderada projeção, sendo o primeiro em 1982 realizado no Brasil com dez participantes e conquistado pelo país sede, vencendo o Paraguai pelo placar de 1x0. Três anos depois foi a vez da Espanha sediar a competição, dessa vez com doze participantes, e tendo como vencedor novamente o Brasil vencendo o time da casa na final por 3x1. Em 1988 uma tentativa de expandir as fronteiras do futsal a sede da terceira e última copa do mundo da FIFUSA foi a Austrália, edição esta que contou com 16 participantes e teve como vencedor o Paraguai, quebrando a hegemonia brasileira vencendo o mesmo na final por 2x1.

Observando a evolução de popularidade do futsal e temendo uma possível concorrência a FIFA, regente internacional do futebol, resolve criar em 1985 uma variante do futebol de salão batizada de futebol de cinco. Em sua obra lega (2001) explica que objetivando aproximar as regras do futebol de cinco ao futebol de salão e tornar o jogo mais parecido com o futebol além de atrair para si os praticantes do futebol de salão e filiados a FIFUSA a FIFA cria o futsal, nome originário do futebol de salão, como era chamado em português, e futbol de sala como era chamado na Espanha.

Em 1989 a FIFA organiza a primeira copa do mundo de futsal sob sua regência, na Holanda, com 16 participantes, coroando o Brasil como campeão, vencendo o país sede na decisão por 2x1. Braz (2006) afirma que a partir de então a FIFA assumiu o protagonismo como superintendente da modalidade no mundo suplantando assim a FIFUSA.

A partir de 1992 a FIFA organiza sistematicamente o evento

internacional a cada 4 anos, sempre no intervalo da copa do mundo de futebol, até os dias de hoje, tendo como vencedores o Brasil nos anos de 1992, 1996, 2008 e 2012; somando as duas fases o país carrega 7 títulos mundiais. A Espanha venceu em 2000 e 2004; e a Argentina conquistou a última edição em 2016.

Saad (2002) e Santana (2006) convergem que o Brasil e a Espanha são os países de referencia para o futsal, do ponto de vista do jogo e também organizacional, sobretudo com a criação das ligas nacionais de futsal. A Espanha teve vanguarda na criação da LNFS liga nacional de futebol de sala na temporada 1989/1990, sendo a primeira liga de futsal realmente profissional, e como expoente as equipes do Interviú que atualmente se chama Inter Movistar, na cidade de Madrid, que conquistou a LNFS por 13 edições, além do El Pozo de Múrcia, campeão em 4 oportunidades, e o Barcelona, vencedor em 3 edições. A liga nacional de futebol de sala conta atualmente com 47 equipes divididas em 3 divisões.

O Brasil com dimensões continentais levou mais tempo para ter sua liga. A CBFS, confederação brasileira de futebol de salão, entidade que rege o futsal no país, tinha federações estaduais filiadas a si, as quais organizavam os campeonatos regionais que tomavam a maior parte do calendário das épocas do futsal e que tinham e têm muita tradição no país.

A dificuldade de deslocamento e as grandes distâncias obrigavam o país a realizar sua competição nacional de forma sediada e com poucos jogos realizados desde 1968 competição esta chamada Taça Brasil que era a época a principal competição de futsal no Brasil. este modelo que ainda existe ficou em segundo plano após a criação da LNF liga nacional de futsal em 1996.

Voser (2001) aponta a evolução que uma liga nacional com calendário permanente realizada anualmente trouxe ao futsal brasileiro. Na primeira edição a LNF contou com 10 equipes, sagrando o Internacional como campeão, desde então realizaram-se 22 edições, com destaque para as equipes do Carlos Barbosa vencedor por 5 oportunidades, Jaraguá do Sul vencedor em 4 edições e a equipe da Ulbra campeã 3 vezes, a LNF se consolidou como uma competição muito equilibrada, sendo vencida por 12 equipes diferentes ao longo de sua existência.

2.2 FUTSAL EM PORTUGAL

A década de 70 reservava a Portugal grandes novidades no que diz respeito ao interesse pelo futebol em dimensões reduzidas. Braz (2006) em sua pesquisa nos explica que durante os anos 70 algumas associações recreativas realizam torneios de futebol com dimensões reduzidas, iniciando a promoção da modalidade.

Com a popularidade atingida pela prática emergem na década seguinte as primeiras federações de futebol de salão. A primeira surge em Lisboa no ano de 1985, seguida pela Associação de Futebol de Salão do Porto, no início de 1986. Em outubro do mesmo ano o Ribatejo funda a sua. A associação do Minho iniciaria suas atividades em novembro e Leiria inicia a sua atividade em 1987. Esta efervescência promoveu o surgimento de uma entidade a nível nacional para a regência da modalidade e em 8 de abril de 1988 surge a Federação Portuguesa de Futebol de Salão (FPFS). Por outro lado, existia a prática do futebol de cinco regido pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF). O futebol de salão ganhou espaço em Portugal e seguindo a tendência internacional, em 1991 as associações de futebol de salão do Porto apoiada pelas associações de Bragança, Algarve e Vila Real desvincularam-se da FPFS e dos torneios realizados por esta, este movimento deu origem ao futsal em Portugal.

Neste período o norte passou a praticar o futsal por meio da federação portuguesa de futsal, o centro e o sul estavam vinculados ao futebol de cinco, através da Federação Portuguesa de Futebol, enquanto que Lisboa e Setúbal ainda praticavam o futebol de salão, uma divisão muito grande para um país de dimensões pequenas como é o caso de Portugal (Braz, 2006).

O ano de 1997 seria decisivo para o futsal português, neste ano as federações de futsal e de futebol assinaram um protocolo que integrava a federação de futsal na Federação Portuguesa de Futebol, criando assim um departamento de futsal para reger a modalidade dentro da Federação Portuguesa de Futebol, e após a fusão foi realizado uma competição que previa duas séries, norte e sul, em que os três primeiros colocados de cada divisão jogariam entre si a duas voltas para encontrar o campeão.

Na temporada de 2000/2001 jogou-se o primeiro campeonato nacional de futsal, na época 2004/2005 foram criados os *playoff* para trazer uma maior

espetacularidade ao torneio que até os dias de hoje é a principal competição de futsal de Portugal. O Sporting e Benfica são os clubes de maior destaque na modalidade em Portugal, atualmente, com destaque nas competições europeias e mundiais. Com o estabelecimento dos torneios regulares e organizados, podemos notar uma melhora gradual dos resultados da seleção portuguesa em competições europeias e mundiais, culminado no título do Campeonato da Europa de 2018 (Quadros 1 e 2).

Quadro 1: resultados de Portugal na copa do mundo de futsal.

EDIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	J	V	E	D	GM	GS
1989	NÃO DISPUTOU						
1992	NÃO SE APUROU						
1996							
2000	3º LUGAR	8	5	0	3	23	23
2004	2ª FASE	6	3	2	2	18	8
2008	1ª FASE	4	3	0	1	15	8
2012	QUARTOS DE FINAL	5	2	1	2	18	14
2016	4º LUGAR	7	4	2	1	26	11

Quadro 2: resultados de Portugal no campeonato europeu de futsal.

EDIÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	J	V	E	D	GM	GS
1996	NÃO SE APUROU						
1999	1ª FASE	3	0	2	1	4	6
2001	NÃO SE APUROU						
2003	1ª FASE	3	1	1	1	10	12
2005	1ª FASE	3	1	0	2	9	14
2007	4º LUGAR	5	2	1	2	13	7
2010	VICE-CAMPEÃO	5	1	2	2	12	14
2012	QUARTOS DE FINAL	3	2	0	1	7	5
2014	4º LUGAR	5	2	1	2	18	17
2016	QUARTOS DE FINAL	3	1	0	2	9	11
2018	CAMPEÃO	5	5	0	0	23	9

Esta melhora exponencial dos resultados da seleção de futsal experimentada pelo povo Português, fez com que o número de praticantes de

futsal no país tivesse um incremento e segundo a Federação Portuguesa de Futebol existem atualmente 32.118 jogadores inscritos nos diferentes escalões da modalidade. Presentemente, o futsal já é um desporto conhecido e estabelecida em terras lusitanas e a seleção nacional é uma realidade entre as principais forças da modalidade.

2.3 FUTSAL: MOMENTOS DO JOGO

Voser (2001) explica que o jogo de futsal é dividido em quatro momentos, Saad (2002) corrobora a ideia nos apresentando os momentos: ofensivo, defensivo e de transição defensiva e ofensiva.

O jogo ofensivo se resume quando a equipe possui a posse de bola e almeja criar situações que proporcionem finalização e marcação de golos, nesta fase se objetiva não perder a posse da bola e principalmente chegar à meta adversária em situação de se marcar golo. No momento defensivo a equipe não está de posse da bola e procura apoderar-se dela, evitando finalizações e marcações de golos pelo adversário (Voser, 2001). Nestes dois momentos as equipes procuram estar equilibradas, seguindo os princípios de jogo estabelecidos.

Garganta (2006b) explica que momento de transição ofensiva, se trata de um ataque não-sistemático, isto é, executado contra defesas desequilibradas, na qual o ataque levaria uma vantagem numérica (por exemplo, 2x1, 3x2) ou posicional (por exemplo, 2x2, mas com uma vantagem territorial ofensiva). Santana (2004) explica que no momento de transição ofensiva o tempo se faz imperativo na ação, pois para o autor o jogador deve atacar ao máximo o espaço vazio deixado pela equipe adversária ao perder a bola. Esta ação traria dificuldades para que a defesa adversária se reorganize, trazendo vantagem ao ataque. Independentemente do tipo de vantagem, essa situação exige que se imprima um sentido vertical à bola, logo, o tempo é um imperativo, pois caso contrário ocorrerá um equilíbrio defensivo, numérico ou posicional (Lozano Cid & Niño Gutierrez, 2002). A transição defensiva consiste no momento em que uma equipe que esta de posse de bola atacando seu adversário a perde. Pinto (2005) explica que nesta situação a equipe, por vezes, não está preparada do ponto de vista posicional e numérico para exercer a defesa, porém, é obrigado a

fazê-la. No momento de transição defensiva a equipe deve tentar retardar o ataque adversário com o intuito de reestabelecer seu equilíbrio defensivo. Santana (2004) adverte que ao retardar o ataque adversário todos os jogadores têm de retornar para trás da linha da bola com o intuito de estabelecer a defesa posicional a qual sua equipe está treinada a realizar.

A partir disto apresentaremos as características abordadas pela literatura consoantes aos quatro momentos do jogo supramencionados.

2.3.1 Momento Ofensivo

Voser (2001) refere que a evolução tática-estratégica, a qual o futsal experimentou ao longo dos anos, foi condicionada pela interpretação que as equipas faziam da dimensão organizativa, o autor explica que no início as equipas se organizavam em estratégias estáticas e as substituições eram limitadas e pouco utilizadas, o que para o autor ajudava a explicar a menor mobilidade dos jogadores.

Ramírez Amor e colaboradores (1998) explicam que os desenhos táticos, podem ser entendidos como a distribuição inicial das equipas no terreno de jogo. Por sua vez, Santana (2008) afirma que diferentemente de um sistema de jogo ao qual o autor considera ser mais amplo permeado de movimentações, o desenho tático faz referência a faceta estática de uma equipe sendo este mais restritivo.

Do ponto de vista da criação e utilização existem indícios na literatura que os primeiros desenhos táticos utilizados foram: o 2.2 e o 2.1.1, ainda na década de 50, dando origem a partir da década de 60 aos desenhos 1.2.1 e 3.1, prolongando-se até ao final da década de 80 e início dos anos 90, onde se observou as primeiras equipas a utilizarem o desenho 4.0. Deve ser lembrado ainda que a partir do final dos anos 90, com a mudança da regra que limitava as ações do guarda redes à área de meta e o permitiu a jogar na quadra toda, surgiram os primeiros desenhos táticos que utilizavam o guarda redes como um jogador de ataque (Saad, 1997; Santana, 2004, 2008).

Compreender a evolução tática evidencia-se de suma importância para a intenção deste estudo, assim sendo, faremos uma breve explanação sobre a

contextualização e funcionalidade dos diferentes desenhos táticos mencionados.

Saad (1997) demonstra que o desenho 2.2 (Figura 1) foi o pioneiro nas quadras do então futebol de salão, nele os jogadores são dispostos de maneira em que dois jogadores ocupem a quadra de defesa e dois formem a parte ofensiva, formando um quadrado. Silva e colaboradores (2002) garantem que os jogadores posicionados na linha de defesa devem ser rápidos e criativos, ao passo que os jogadores da linha ofensiva devem deter uma boa capacidade de finalização. Embora a equipe parta da premissa da distribuição inicial, os autores ponderam que os jogadores se adaptavam à formatação da equipe adversária, podendo ocupar a meia quadra ofensiva ou defensiva de acordo com o contexto que o jogo apresentava, porém, respeitando as premissas do desenho estabelecido.

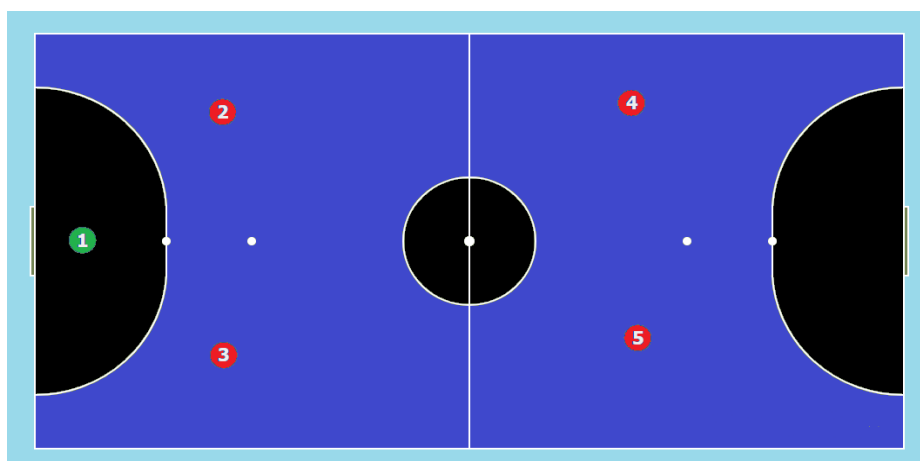


Figura 1: desenho tático 2.2 FONTE: adaptado de (Santana, 2008)

Este desenho inicial, ainda é utilizado em situações específicas, Lozano Cid e colaboradores (2002) reportam o desenho 2.2 como o mais indicado para possíveis saídas de pressão, dispondo seus jogadores na meia quadra ofensiva para buscar os espaços vazios deixados na quadra ofensiva.

Este desenho, segundo Ramírez Amor (1998); Lozano Cid e colaboradores (2002); Saad (1997) e Santana (2008), apresentava algumas vantagens: indicado para enfrentar defesas excessivamente recuadas, ao duelar com equipas que marcam em zona, boa alternativa para saídas de pressão; indicado para equipes que possuam jogadores de grande habilidade individual

por permitir grande vantagem quando se obtém sucesso nos duelos 1x1, os autores acreditam, também, ser o desenho ideal para quando se deparam com um adversário disposto no sistema 1.2.1, pois para eles ao jogar com dois jogadores no sistema ofensivo criasse uma sobrecarga no último defensor e sobretudo por ser um desenho tático de fácil compreensão. Porém, os mesmos autores alertam para as desvantagens apresentadas pelo referido desenho: para eles esta formação diminui os espaços para finalizações em curta e média distância, na medida em que concentra os jogadores; este desenho apenas propicia um jogador para apoio¹ das situações ofensivas, em caso de perda de posse de bola os autores alegam que este é um sistema vulnerável, pois há muito espaço para o jogador adversário atacar, dificultando assim as coberturas defensivas, os autores atestam ainda que este desenho pode tornar-se muito estático dificultando assim suas movimentações.

Já o desenho 2.1.1 (Figura 2) é apontado por Saad (1997) como uma variação do 2.2, é composto por dois jogadores posicionados na linha de defesa como desenho anterior, porém um dos jogadores da linha ofensiva é puxado para a metade da quadra de jogo para servir como um interlocutor entre as linhas de defesa e de ataque. O autor explica que este desenho é muito utilizado pois permite diversas formas de movimentação.

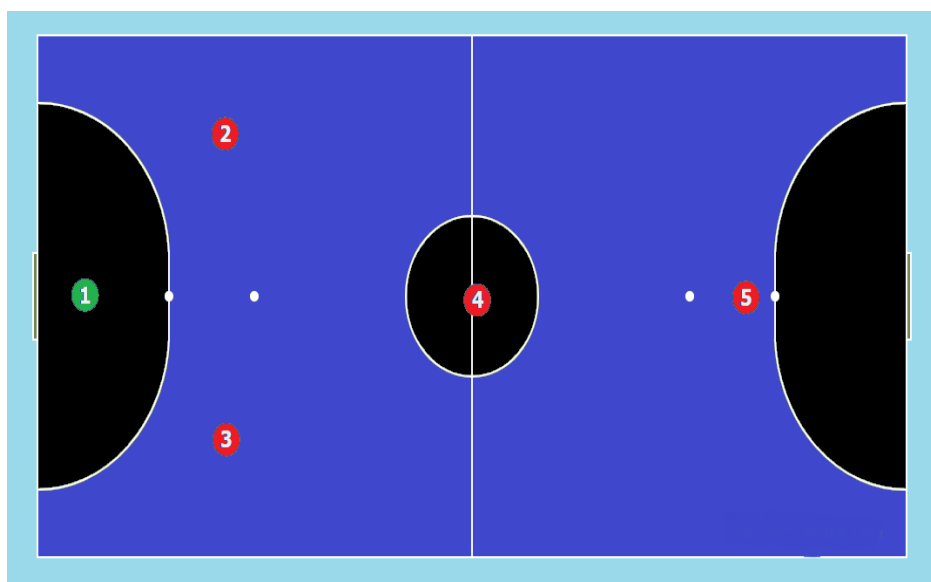


Figura 2: desenho tático 2.1.1 FONTE: adaptado de (Voser, 2001)

¹ Refere-se ao jogador que se posiciona para dar linha de passe segura ao portador da bola.

No desenho 2.1.1 o jogador de interlocução que se posiciona na linha divisória da quadra pode flutuar para os dois lados, bem como o pivô. Sendo segundo Saad (2002) um desenho muito utilizado, principalmente nas categorias intermediárias de formação, sendo este próximo da configuração básica do desenho 3.1.

Ramírez Amor e colaboradores (1998) entendem o desenho 3.1 (Figura 3) como o mais utilizado na história do futsal, posição esta corroborada por Saad (1997) que explica esta formação como um fixo mais recuado, dois alas abertos nas duas extremidades da quadra e um pivô de referência mais avançado próximo a área de golo adversária. Santana (2008) defende que neste desenho a equipe pode posicionar-se mais a avançada ou mais recuado dependendo do posicionamento da equipe adversária, a exemplo do desenho 2.2.

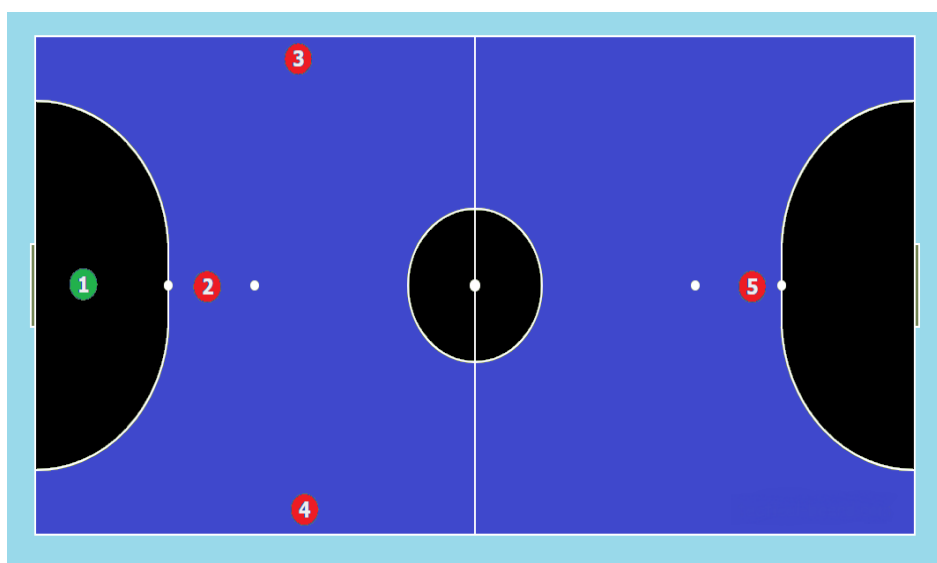


Figura 3: desenho tático 3.1 FONTE: adaptado de (Santana, 2008)

Ramírez Amor e colaboradores (1998), Lozano Cid e colaboradores (2002) e Saad (1997) corroboram esta ideia, no sentido de que este desenho facilita as movimentações dos jogadores. Junior (1999) esclarece que neste desenho o pivô se torna figura central nas movimentações da equipe. Para os autores este desenho se apresenta como o que produz uma maior variedade de movimentações, evita aglomerações no momento ofensivo, realizando assim

uma maior gama de finalizações, oferece uma maior unidade defensiva trazendo maior segurança no momento ofensivo, além de que, segundo os autores, é de fácil aplicação.

O sistema 4.0 (Figura 4) segundo Sampedro (1998) consiste em um sistema onde os 4 jogadores posicionam-se em linha para realizar a entrada de ataque, Lozano Cid e colaboradores (2002) afirmam que este é um desenho concebido no Brasil com o intuito de explorar a criatividade dos jogadores. Saad (2002) aponta este desenho como o mais moderno e consiste no aproveitamento de espaços, ou seja, neste desenho procura-se colocar a defesa adversária de forma a se aproveitar os espaços causados pela estrutura em linha. Os autores advertem que este sistema exige de seus jogadores alto grau de inteligência tática, para eles os jogadores devem ser rápidos de boa movimentação e, sobretudo, este desenho se consiste em dificultar ao máximo a defesa e suas coberturas para se atacar os espaços.

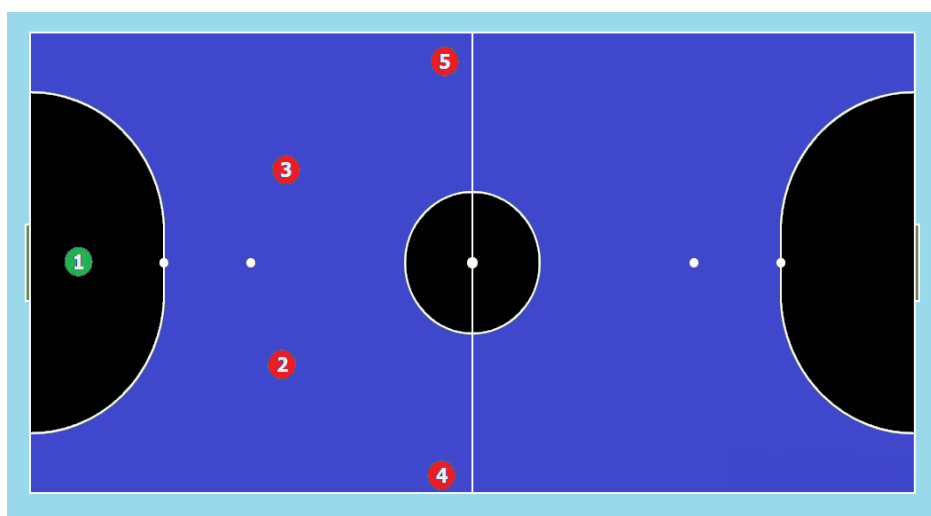


Figura 4: desenho tático 4.0 FONTE: adaptado de (Santana, 2008)

Neste desenho tático, nota-se que os jogadores devem movimentar-se em constância com o intuito de se criar e aproveitar os espaços, para tal Sampedro (1998) adverte que os jogadores precisam saber jogar pressionados, enfrentando e resistindo à pressão. Lozano Cid e colaboradores (2002) acrescentam que neste desenho o portador da bola deve sempre receber o apoio de seus companheiros afim de dar à bola a maior mobilidade possível. Porém, os autores advertem quanto a possíveis desvantagens deste sistema a saber: é

mais complexo que os demais, demandando um maior período de treinamento, exige dos jogadores uma demanda energética muito grande, aumentando assim o desgaste físico dos mesmos, os jogadores devem ter um comportamento tático-técnico assentado na ambidestria, para os autores o 4.0 não é indicado em partidas onde se enfrenta uma defesa muito recuada e neste desenho a recomposição defensiva se mostra desfavorecida.

Ainda dentro dos desenhos táticos, existem os desenhos com superioridade numérica (Saad, 1997), conhecidos como goleiro linha, ou linha goleiro, neste desenho o guarda-redes deixa a sua posição na meta e passa a atuar como um jogador de ataque (Figura 5). Santana (2004) explica que algumas equipes utilizam o próprio guarda-redes nesta situação, porém, em outras o treinador retira o guarda-redes da quadra lançando um jogador de linha que fará essa função.

Santana (2008) conta que este desenho surgiu no final dos anos 1990 em virtude das alterações de regra que propiciaram ao guarda redes atuar fora da área de meta, o que foi utilizado pelos treinadores como uma situação onde se coloca mais um jogador na armação das jogadas.

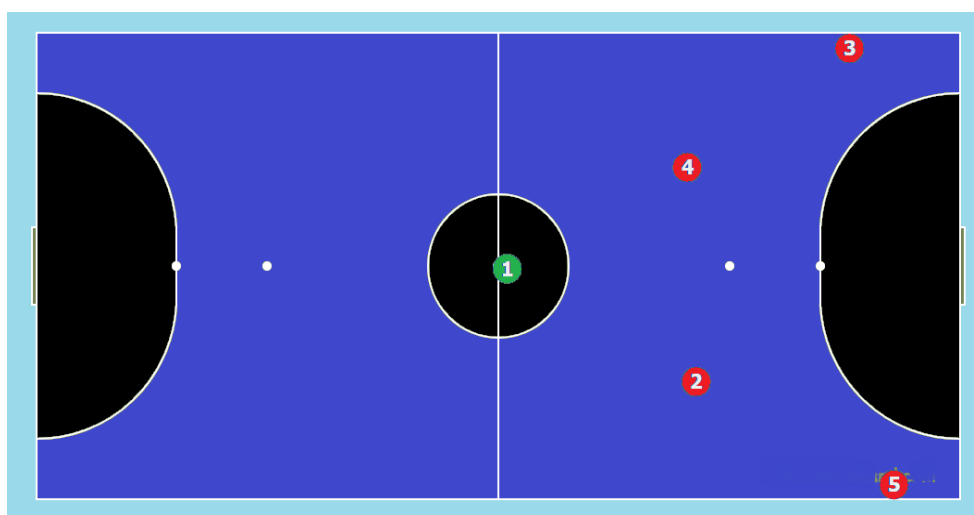


Figura 5: desenho tático 1.2.2 "ASA" FONTE: adaptado de (Santana, 2008)

Nos desenhos táticos de superioridade numérica existem algumas variações como o exemplo acima 1.2.2 (Figura 5), que apresenta algumas variações no posicionamento dos jogadores dentro das linhas, no exemplo acima apresentou-se a formatação em "ASA". Rossetto (2016) apresentou algumas

variações da formatação deste desenho, porém em sua pesquisa o autor salienta que a despeito da disposição dos jogadores nas linhas mais avançadas de finalização, a linha de armação é a que tende a diferenciar os desenhos táticos de superioridade numérica, o autor explica que algumas equipes montam seus desenhos para realizarem a armação com 1, 2 ou até 3 jogadores, sendo apoiados pelos demais nas linhas de finalização. O sistema apresentado acima pode ser usado com um ou 3 jogadores na armação, a outra opção utilizada consiste em 2 jogadores na armação (Figura 6).

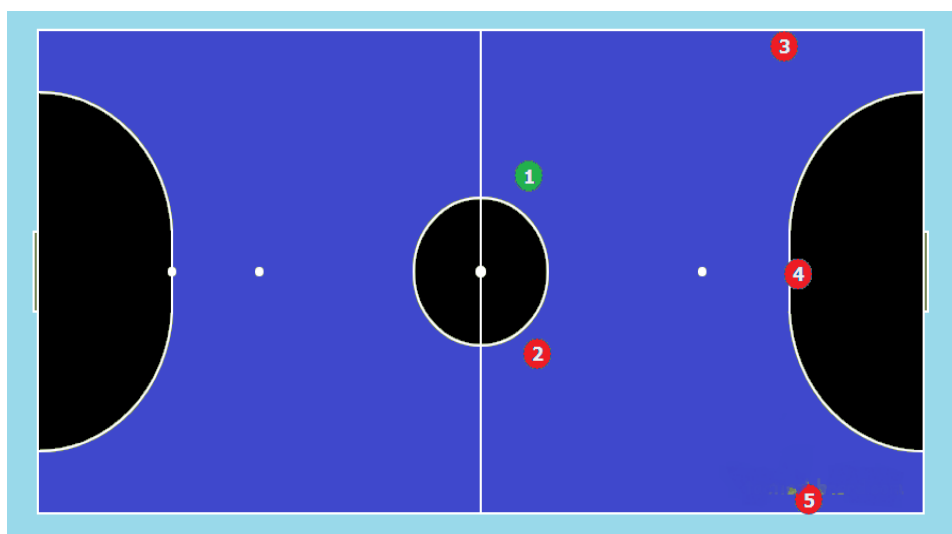


Figura 6: desenho tático 2.3 FONTE: adaptado de (Santana, 2008)

Voser (2001) evidencia que o guarda-redes pode atuar no centro da quadra ou nas alas, este desenho tende a ser utilizado nos 5 minutos finais do segundo tempo de partida e em geral pela equipe que está em desvantagem no placar (Rossetto, 2016). Saad (2002) e Santana (2004) explicam que a utilização de um guarda-redes ou um jogador de linha na função de guarda-redes dependerá da qualidade e do guarda-redes em desenvolver o manejo com os pés, bem como do tipo de formação e posicionamento pensado pelo treinador para os jogadores.

A literatura diverge sobre qual seria a principal função do guarda-redes neste desenho, para Souza e colaboradores (2005) o guarda redes, nesta função, deve concentrar suas ações em passes para seus companheiros distribuindo o jogo e, posteriormente, retornar a sua posição de origem. Saad (2002) acredita que este deve ser um bom passador, que suporte a pressão de

risco eminente com um possível erro, porém, para Voser (2001) o guarda-redes nesta função precisa deter um poder e potencia de finalização para realizá-las a média e longa distância. Rossetto (2016) aponta que nesta situação independentemente da formatação do desenho ou do tipo de defesa enfrentada, o principal fator de sucesso analisado em sua pesquisa foi a capacidade do ataque em manipular e desequilibrar a primeira linha de defesa do adversário.

2.3.2 Momento defensivo

Bayer (1994) explica que a defesa, nos jogos desportivos coletivos, pode ser entendida como o momento em que uma equipa realiza a oposição da tentativa adversária de alcançar sua meta. Para o autor o momento defensivo consiste na tentativa de impedir o oponente de progredir, dificultando e impedindo suas ações, com o intuito de não permitir que o mesmo tenha sucesso em suas ações de ataque. O autor complementa afirmando que o momento defensivo tem início da perda de posse de bola, ou seja, a defesa tem como ponto de partida o instante em que o adversário recupera a bola. Lozano Cid e colaboradores (2002) complementam apontando que no futsal este momento pode ser antecipado, pois no momento ofensivo a equipe que detêm a posse de bola deve ter jogadores realizando o que Ramírez Amor e colaboradores (1998) chamam de "suporte ofensivo", que se daria com o posicionamento de um jogador em uma situação a qual o mesmo, em uma eventual perda da posse de bola, possa atuar como uma cobertura ofensiva, desse modo o momento defensivo seria iniciado ainda com o momento ofensivo em ação. Desta forma, a equipe estaria preparada a exercer o equilíbrio defensivo e realizar sua defesa de forma mais eficiente.

Santana (2008) afirma que a defesa teve sua definição de forma mais ampla feita por Lozano Cid e colaboradores (2002) que consiste em 4 fases: na primeira fase a defesa deve se iniciar ainda durante o momento ofensivo, realizando o balanço defensivo ou suporte e, conseqüentemente, a partir do momento de perda de posse de bola realizar o retorno defensivo, em um segundo momento a equipa deve realizar o que o autor chama de defesa em temporização, com o intuito de conseguir exercer a terceira fase, que é

compreendida pela organização defensiva, somando-se as 3 fases o autor afirma que será possível atingir a quarta fase que seria para ele o momento da defesa em sistema ou defesa posicional. Os autores concordam ao afirmar que no futsal a defesa deve ser exercida ainda no momento de ataque, passando pelo momento de transição onde ao perder a posse de bola os jogadores devem situar-se e orientar-se para que possam exercer sua defesa posicional dentro da organização conceitual de sua equipe.

Nomeadamente, o momento defensivo situacional ao qual se encaixa o conceito e organização da equipa pode ser realizado, segundo Voser (2001), no formato de defesa por zona, individual e mista.

Saad (1997) corrobora e explica que na defesa individual cada jogador realiza a marcação de um jogador adversário individualmente, os autores explicam que neste tipo de defesa o jogador deve perseguir o jogador adversário que está com ou sem a posse de bola, ou seja, na defesa individual a principal referencia está no jogador. Ramírez Amor e colaboradores (1998) complementam escrevendo que a defesa individual tende a ser mais ativa e pressionante, que consiste em realizar a defesa com o intuito de provocar o erro adversário.

Já na defesa mista, Santana (2004) nos mostra que a marcação é realizada de forma individual, porém existem situações as quais existe a cooperação em equipa, sobretudo com coberturas defensivas, trocas de marcação e ajudas. Neste tipo de defesa a equipa exerce a defesa com referência no jogador, bola e na zona de quadra. Santana (2008) completa demonstrando que a defesa mista pode ser ativa, porém, suas trocas e coberturas tendem exercer a defesa de forma mais passiva, onde a equipa permite que a posse da bola fique com o adversário apostando que o mesmo ao realizar muitas trocas de passes e movimentos ofensivos irá cometer algum erro e perder a posse de bola.

Existe ainda a defesa posicional por zona, que consiste em defender de modo que o referencial passe a ser a bola, ou seja, a equipa defensora realiza seus ajustes defensivos conforme a bola se movimenta, deixando de acompanhar o movimento dos jogadores adversários. Cada jogador tem a responsabilidade de defender uma pré determinada zona da quadra, realizando oposição ao adversário que ali se encontrar (Voser, 2001). Gambier (2008)

explica que nesta defesa os jogadores devem movimentar-se de forma harmônica e sincronizada, pois para ele neste tipo de oposição todos os jogadores devem estar em uma posição estabelecida para que ocorra a defesa de forma eficiente. O autor adverte que a defesa em zona mais conhecida é a defesa batizada de "Quadrante", popularizada pelo treinador brasileiro Fernando Ferretti.

Ferretti (2000) contempla em seu texto que a quadra de jogo se divide no momento defensivo em 4 pontos de referencial para a equipa defensora, as quais o autor denomina linhas de defesa (Figura 7). Ele explica que as linhas indicam aos jogadores o ponto da quadra em que a defesa deve exercer o enfrentamento ao adversário, nesta referência as linhas são numeradas de 1 a 4, em que a linha um é a mais adiantada e a quarta corresponde à defesa mais recuada. Desta maneira, de acordo com sua estratégia, o treinador comunica-se com sua equipe definindo em que altura (linha) sua equipa exercerá a contenção.

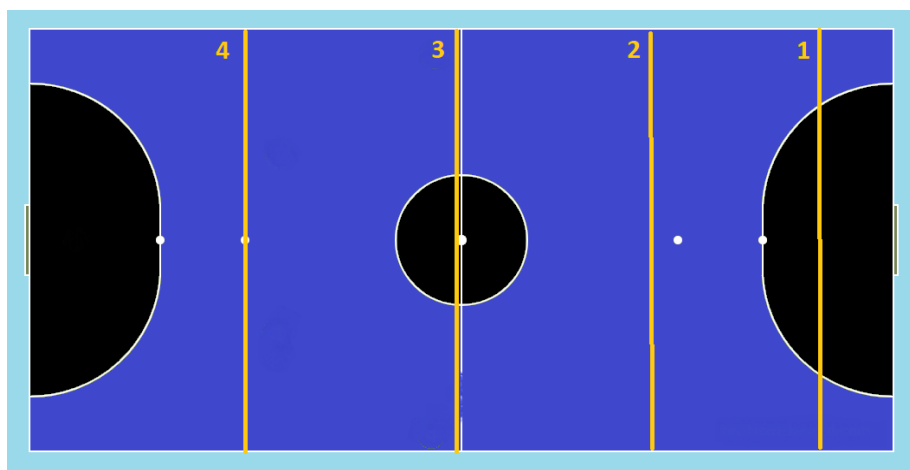


Figura 7: Linhas de defesa FONTE: adaptado de (FERRETTI, 2000)

Apresentados os momentos posicionais de jogo, vistos o momento ofensivo e defensivo, passaremos aos momentos de transição. Voser (2001) explica que a transição consiste no momento de adaptação de sua equipe da fase ofensiva para defensiva ao qual chame-se transição defensiva. Já a transição ofensiva se dará a partir do momento defensivo para o ofensivo.

2.3.3 Transição Defensiva

A transição defensiva consiste no momento de perda de posse de bola, onde a equipe deverá exercer oposição à equipe adversária sem ainda estar organizada para realizar a defesa posicional (Saad, 1997). Neste momento a equipa se vê obrigada a realizar o momento defensivo em razão da perda de posse, Santana (2008) afirma em sua pesquisa que os treinadores de elite reservam alguns princípios com o intuito de realizar uma transição defensiva com eficácia, a fim de alcançar o equilíbrio defensivo e exercer sua defesa posicional estratégica. O autor explica que a transição defensiva pode ser explicada quando a equipa exerce o momento defensivo em inferioridade numérica, territorial ou posicional, ou seja, quando esta se encontra em menor número de jogadores prontos a realizar a ação sobre a bola que o adversário e ou posicionados de maneira que não estejam entre a ação ofensiva adversária e seu gol.

Os autores explicam que o momento de transição defensiva deve ser permeado de forma a retardar o ataque adversário com o intuito de temporizar a ação e fazer com que os jogadores em transição consigam retornar às suas posições adequadas para a defesa sistêmica. Santana (2004) adverte que para tal o jogador deve exercer uma defesa passiva que induza o jogador adversário a jogar para o lado em que se tenha a maior densidade defensiva possível, isto é, fomentar o ataque adversário para o lado onde este tenha menos espaço e chances de criar uma ação de perigo ao seu gol. Nesta situação o ataque deve ser retardado ao máximo e a equipa deve ter um retorno defensivo rápido e reequilíbrio defensivo.

2.3.4 Transição Ofensiva

A transição pode ser um momento de alto risco defensivo para as equipes, bem como de grande chance para a criação de situações de perigo no momento ofensivo. Santana (2006) explica que um dos principais fatores da transição ofensiva é o tempo, Voser (2001) corrobora dizendo que a transição ofensiva ou contra-ataque consiste em um ataque rápido quando da recuperação da posse de bola, onde a equipa procura tirar proveito da vantagem numérica, posicional ou de território, os autores citam que a transição ofensiva deve ser

uma ação que não permita o reequilíbrio defensivo do adversário.

Santana (2008) ao ouvir os treinadores da liga futsal do Brasil descortina através do seu sujeito coletivo os principais vetores de uma transição ofensiva bem realizada, para eles o tempo é o imperativo, em que o ataque não sistemático deve se aproveitar das vantagens oriundas da recuperação da posse de bola em que o adversário não esteja apto a realizar a defesa posicional naquele momento. Os treinadores afirmam que o jogador portador da bola deve ao máximo atacar o espaço permitido pelo adversário, imprimir um sentido vertical à ação progredindo de forma rápida e objetiva, os mesmos afirmam que o portador da bola só deve decidir ao encontrar oposição adversária. No mesmo estudo os treinadores convergem em afirmar que treinam sua defesa a fim de induzir a equipe adversária a ceder a posse de bola com precária condição de se equilibrar defensivamente. Eles completam afirmando que a transição defensiva pode decidir os jogos, Voser (2001), Saad (2002) e Bravo e colaboradores (2012) corroboram com a ideia de que o contra-ataque pode ser uma alternativa importante para o sucesso de equipes que enfrentam defesas muito bem posicionadas, pois para eles uma transição ofensiva bem realizada tende a surpreender o adversário.

2.4 FUTSAL: ESTATUTOS POSICIONAIS

O jogo de futsal inicialmente era formado por jogadores que exerciam funções específicas em quadra, Voser (2001) explica que que uma equipa era originalmente formada por um guarda-redes, um fixo que também é denominado de central ou beque, dois alas ou externos e um pivô. Ramírez Amor e colaboradores (1998) e Saad (1997) corroboram e completam afirmando que em função da maioria das equipas utilizarem o desenho tático 3.1 a disposição das equipas tendia a seguir esta fórmula. Deste modo, as especificidades foram sobretudo desenvolvidas sob esta ótica.

2.4.1 Guarda-Redes ou Goleiro

O guarda-redes é o estatuto posicional de maior singularidade no futsal, também conhecido como goleiro esta função está intimamente ligada ao momento defensivo. Voser (2001) explica que o goleiro tem como principal objetivo evitar que a equipa adversária consiga alcançar a marcação de golos. Para o autor esta não é a única função do guarda-redes, porém, deve ser a principal, ele explica que um guarda-redes de bom nível deve ter boa noção de posicionamento dentro da meta e, também, boa visão e leitura de jogo para exercer coberturas aos defensores. Santana (2004) adverte que o goleiro necessita ter habilidade com as mãos, velocidade de reação e grande capacidade de organização defensiva. O guarda-redes, segundo Santana (2008), deve ser lembrado não só no momento defensivo como uma mera barreira ao ataque adversário, mas também deve possuir a qualidade de iniciar as ações ofensivas de sua equipa, seja em lançamentos com as mãos, seja em passes precisos com os pés. Para o autor supracitado, uma equipa que possui um guarda-redes que além de exercer a função defensiva com qualidade, seja capaz de exercer o início da ação ofensiva com mestria poderia levar vantagem, pois para ele a bola chegaria com maior qualidade aos jogadores de linha para o momento de ataque. Cabe salientar que em situações de superioridade numérica de goleiro/linha, o goleiro pode passar a atuar como um jogador de linha, onde exerce a função de um jogador de quadra, abandonando sua meta no momento ofensivo (Santana, 2004) exercendo, assim, a superioridade numérica quando da ação ofensiva denominada de linha/goleiro ou 5x4.

2.4.2 Fixo, Central ou Beque

O fixo pode ser identificado como o jogador que tende a se posicionar de forma a ser o mais recuado de sua equipa em quadra. Braz (2006) acredita ser o central, o comandante defensivo, de sua equipa em quadra, o autor esclarece que no momento defensivo o fixo é o responsável por estabelecer a oposição direta ao jogador mais avançado e finalizador do adversário. Voser (2001) adverte que o central tem como principais funções defensivas exercer as coberturas das ações dos companheiros e realizar a marcação ao jogador avançado do adversário. O beque posiciona-se inicialmente ao centro.

Na parte ofensiva Voser (2001) sugere que o fixo exerce a função de organizador e dinamista de sua equipa. Para Santana (2004) este estatuto posicional reserva a seus ocupantes algumas dificuldades a qual o autor destaca a capacidade de se jogar sobre pressão e risco de que seu erro pode resultar em uma chance clara de gol para a equipa adversaria. O autor explica que o fixo por estar em uma zona recuada de sua quadra ao iniciar as ações ofensivas de sua equipa, deve ser um jogador de bom passe e que não se abale com a pressão adversária. Voser (2001) completa suscitando ao fixo um bom poder de finalização de média distância, pois para ele com a mobilidade das equipas no momento ofensivo, tende-se a surgir espaços e oportunidades de finalização aos fixos nomeadamente em médias e longas distâncias.

2.4.3 Alas ou Externos

Nesta função Braz (2006) explica que as equipas devem apostar em jogadores de grande mobilidade, pois para ele neste estatuto posicional os jogadores são expostos a exigências de grande intensidade e movimentação, tanto no momento ofensivo quanto defensivo.

Quando no momento defensivo Saad (1997) evidencia que os externos têm como função a oposição direta aos alas adversários, Voser (2001) corrobora e acrescenta as funções de ajuda defensiva, compreendida como auxilio na oposição exercida por um companheiro, além da responsabilidade de se exercer igualdade e superioridade numérica quando no momento de defesa e no momento de transição defensiva são os principais responsáveis por um retorno

rápido para o estabelecimento do equilíbrio defensivo.

Os alas tendem a ocupar as extremidades da quadra de jogo, sendo para Braz (2006) os principais responsáveis pela dinâmica ofensiva de suas equipes. O autor explica que estes jogadores precisam dominar todos os fundamentos do jogo, sendo de fundamental importância exercer todos eles em alta velocidade e grande intensidade. Ramírez Amor e colaboradores (1998) sugerem aos extremos que é de grande valia que eles consigam movimentar-se com e sem bola, no sentido de abrir espaços e criar possibilidades de finalização para eles e seus companheiros. Nas equipes tradicionais usa-se um ala com maior repertório ofensivo e que se infiltre na defesa adversária com facilidade e se aproxime do avançado de sua equipe e outro jogador nessa função com maior capacidade defensiva afim de se encontrar um maior equilíbrio ao jogo (Voser, 2001).

2.4.4 Pivô ou Avançado

Nesta função, inicialmente, não se tinha uma exigência defensiva muito grande. Voser (2001) atribui ao avançado a função de exercer a primeira contenção ao ataque adversário, para o autor este jogador deve iniciar a marcação de sua equipe, sendo que ao recuperar a posse de bola em uma situação territorial mais avançada poderia criar automaticamente uma boa oportunidade de finalização. Posteriormente, este jogador passou a ter uma função defensiva de suma importância principalmente na defesa zonal (Gambier, 2008) exercendo pressão as possíveis linhas de passe da equipe adversária.

O pivô deve ser por excelência um exímio controlador de posse de bola, além de dominar com mestria a ação de jogar de costas para o gol adversário. Braz (2006) explica que o avançado permeia o jogo ofensivo da maioria das equipes, procurando o jogo de 1x1 e municiando os jogadores que se desmarcam em apoio. O autor adverte que nesta função o jogador deve ter uma enorme capacidade de rececionar a bola de diversas maneiras, além de segurar o jogo e conservar a posse de bola, protegendo-a da tentativa rival de desarme, Voser (2001) impetra ao pivô uma boa capacidade de finalização das ações ofensivas em virtude das suas principais ações se situarem em zonas próximas

da baliza adversária, este estatuto posicional exigirá do jogador um elevado número de oportunidades de finalização das ações ofensivas de sua equipa.

2.5 FUTSAL E SUA FACE DINÂMICA

Garganta e colaboradores (2005) defendem que o futsal, em virtude de suas características, é um desporto de constantes duelos individuais durante as partidas. Os autores defendem que os duelos individuais devem estar submetidos à estratégia coletiva de sua equipa. Desse modo, os investigadores deixam claro que perante aos desenhos táticos inerentes a distribuição inicial dos jogadores em quadra correspondente a faceta estática do jogo, os jogadores devem adotar ações dinâmicas individuais, que quando em interação com os companheiros possam configurar os momentos de ataque e de defesa da equipa.

Saad (1997) explica que no momento ofensivo, as equipas apresentam movimentos coletivos conhecidos como padrão tático. Para o autor os movimentos combinados de três ou mais jogadores em quadra configuram um padrão, ou seja, os jogadores de uma equipa devem dominar os movimentos táticos individuais e, sobretudo, ao realizá-los devem estar ancorados ao momento tático coletivo. Garganta e colaboradores (2005) corroboram em seu estudo que o movimento tático individual deve ser calcado nos movimentos coletivos. O padrão tático deve ter a intenção de maximizar as ações individuais dos jogadores, sendo no momento de ataque o desequilíbrio da defesa adversário, explorando as características individuais de seus jogadores, dificultando ao adversário as ajudas e coberturas, bem como no momento defensivo onde o padrão defensivo deve exercer indução da equipa adversária para o seu lado menos eficiente e, sobretudo, exercendo as contenções nos momentos estratégicos previamente traçados. Ramírez Amor e colaboradores (1998) clamam os padrões e as movimentações como uma forma de luta por espaço pelas equipas, desta forma manipula-se, cria-se e explora-se os espaços, não esquecendo dos momentos de transição, onde a faceta dinâmica dos jogadores deve ser, também, explorada. Santana (2008) demonstra que os treinadores de topo se preocupam com os momentos de transição de forma a dar-lhes elevada atenção em seus treinamentos e estratégias. Os sujeitos de sua pesquisa afirmam que um momento de transição bem executado por todos os jogadores pode determinar o resultado final de uma partida.

Segundo Saad (2002) os padrões ofensivos consistem em movimentos

individuais coordenados entre si e que executam determinado planejamento estratégico programado. Para o autor esta ação implicaria na manipulação da defesa, prevendo seus possíveis pontos a serem explorados, bem como explorando os principais vetores de sua equipa.

Junior (2007) menciona alguns padrões utilizados pelas equipas de maior desempenho: Redondo, Paralela e Diagonal, Jogo de Quina, Padrão Quatro em Linha. Silva (2002) aborda ainda o Ataque Circular, Padrão “8”, Ataque com Pivô Fixo. Os padrões principais ainda são completados por Saad (1997) com: Padrão de Três pela frente, Padrão Quatro Pelo Meio, Padrão Troca Ala Pivô e Padrão com Goleiro.

Nos diversos padrões citados Santana (2008) explica que um fator os une, a constante mobilidade dos jogadores. O autor garante que apesar de alguns padrões reservarem um maior movimento que outros, além de que alguns são mais livres e outros mais fechados, todos os padrões são fundados na movimentação individual dos jogadores em prol da estratégia coletiva de sua equipa.

Em virtude deste facto, devemos ressaltar os fundamentos táticos individuais apresentados pela literatura e que são de extrema importância, segundo os autores supracitados, para o desenvolvimento coletivo das equipas.

2.5.1 Fundamentos Táticos Individuais de Ataque

Bayer (1994) fundou relevantes conceitos para os desportos coletivos, o autor ancorou os processos do jogo e evidenciou as propostas que permeiam a construção ofensiva das equipas. Ele explica que no momento de ataque a equipa tem por fundamental: conservar a bola, progredir com a mesma em direção a meta adversária e atacar a meta adversária. Para ele a dominação do adversário se estabelece através das interações entre os jogadores com a bola.

Restringindo as observações de Bayer (1994) para os jogos desportivos coletivos em direção às especificidades do futsal, podemos ressaltar os conceitos citados por Braz (2006) no momento de ataque do futsal o espaço, a mobilidade, a cobertura ofensiva e a penetração são os princípios primordiais para uma boa condução do ataque em equipa.

Santana (2019) aborda os princípios supracitados como princípios culturais do jogo de futsal, ele explica que para os autores anteriores estes seriam os conceitos que ancoram a construção do jogo de uma equipa para que esta desenvolva com qualidade o seu momento de ataque.

Desta forma, diversos autores estabeleceram fundamentos táticos individuais e que selecionados de maneira a suplantar a exigência do momento de jogo poderiam estabelecer vantagens individuais e da equipa no momento de ataque.

2.5.1.1 Jogar à frente da linha da bola

Jogar à frente da linha da bola significa que o recetor da bola deverá posicionar-se à frente do portador da bola. Isso tende a induzir passes verticais e a progressão da equipa no espaço de jogo, isto é, procurar um jogo vertical e evitar o chamado jogo indireto, burocrático (Santana, 2008). Este fundamento tático individual contempla os princípios citados acima: mobilidade, e penetração.

2.5.1.2 Desmarcação em apoio e em rotura

Desmarcar-se do adversário, exige do jogador a atitude de fugir do campo visual do defensor, deste modo o atacante sem bola deve ultrapassar a linha de marcação de seu defensor de modo a deixá-lo em dúvida sobre qual atitude tomar, entre largar o jogador ou persegui-lo; neste momento o jogador deve induzir o defensor para algum lugar ‘falso’ (enganá-lo), o que tende a facilitar a criação de linhas de passe (Santana, 2004). Guilherme (2004) explica que a desmarcação pode ser feita de duas maneiras distintas. O jogador pode desmarcar-se em apoio, isto é, ao ludibriar o adversário o atacante se aproxima do portador da bola entre as linha de marcação a fim de lhe dar apoio para tabelas ou retenção da bola, Braz (2006) explica que este é um fundamento tático essencial aos jogadores que jogam na função de pivô. A outra forma de desmarcação segundo o autor configura-se na desmarcação em rotura, ou como explicado por Santana (2004) também pode ser chamado de projetar-se as

costas, esta ação consiste em fugir do campo visual do defensor em direção as costas deste, com intuito de receber um passe em profundidade, contemplando os princípios de mobilidade, penetração e espaço. Santana (2019) completa ao citar seus princípios específicos de jogo convergentes com esta ação: “jogar com o outro”, “jogar para o outro” e “procurar o jogo direto”.

2.5.1.3 Abrir espaço

Neste fundamento, o atacante sem bola deve movimentar-se de forma a ludibriar a defesa adversária, abrindo espaço na quadra que será usufruído por outro atacante (Voser, 2001). Isto é, o jogador abre espaço para o portador da bola ou para a infiltração de outro companheiro, mas não tem a intenção de recebe-la. Para o autor esta seria uma das ações mais importantes para o ataque de uma equipa de alto nível, esta ação contempla os diversos princípios do jogo. Santana (2008) ao elucidar o pensamento dos treinadores de topo do futsal brasileiro, mostrou que para eles este seria um fundamento essencial ao jogador de futsal de excelência.

2.5.1.4 Entrar na bola

Fundamento tático individual apresentado por Ferretti (2006), nesta ação o autor explica que o jogador ao receber o passe deve ir de encontro à bola. Isto é oportuno para o ataque na medida em que a movimentação do jogador indo ao encontro da bola exigirá um deslocamento ou, minimamente, a atenção do adversário, o que lhe inibirá o equilíbrio e dificultará a ação de defesa do adversário. Para Santana (2004) o jogador deve receber a bola em movimento em empurrando-a para frente, os autores aportam a este fundamento a importância de que este pode alavancar as ações seguintes de ataque na medida em que desequilibra e dificulta a contenção exercida pelo defensor.

2.5.1.5 Andar com a bola

Voser (2001) alega que o ataque deve comportar-se de modo a não dar

oportunidade a que a defesa se equilibre, evidenciando a importância deste fundamento. Segundo Santana (2004) o jogador portador da bola ao realizar a leitura das ações de sua equipe e do adversário deve imprimir movimento à bola, esta ação está associada ao fundamento anterior de entrar na bola. Para Ferretti (1998, 2006) deslocar-se com a bola é fundamental para dar sequência ao movimento de ataque ao passo que se realiza a leitura das ações.

2.5.1.6 Acelerar o passe

Consiste em imprimir velocidade precisa ao passe, preferencialmente de primeira. Este fundamento é fundamental na medida em que garante a posse da bola, desgasta o adversário física e emocionalmente e facilita a continuidade de ações ofensivas (Ferretti, 1998). De acordo com Santana (2006) dar velocidade precisa ao passe consiste em uma ação que combinada a desmarcação em ruptura tende a criar oportunidades de criar ações de finalização com elevado grau de perigo ao arqueiro adversário.

2.5.2 Fundamentos Táticos Individuais de Defesa

O momento defensivo nos jogos desportivos coletivos é, segundo Bayer (1994), permeado de três grandes princípios, para o autor nesta fase do jogo a equipe deve agir de modo a: recuperar a bola, impedir a progressão da equipe adversária e da bola até sua meta e proteger seu espaço e sua meta.

Seguindo os conceitos supracitados Braz (2006) advoga que o momento defensivo deve ser pautado no futsal em quatro princípios: contenção, cobertura defensiva, equilíbrio e concentração. Os autores advertem que para uma equipe de bom nível defensivo estes princípios devem permear a atuação de oposição ao adversário atacante, de modo que os fundamentos táticos individuais devem ser exercidos de modo que sua manifestação coletiva integre os princípios de defesa referidos.

Com o intuito de dar uma forma ainda mais específica ao momento defensivo no futsal, Santana (2019) compartilha os princípios que nortearam suas últimas equipes, para o autor seus jogadores devem exercer os

fundamentos táticos individuais de forma a tender os princípios coletivos de: “induzir o adversário a iniciar seu ataque em sua meia quadra” afastando assim a equipa atacante de sua meta, “um jogador por vez se aproxima da bola” neste princípio o autor defende que os demais jogadores de defesa devem se atentar as linhas de passe criadas pelos atacantes, “ajudar o colega quando este for superado” neste momento ele explica que todos devem estar preparados a exercer uma cobertura caso algum dos defensores tenha sido vencido, “se a bola entrar na quadra defensiva retornar de modo posicional” segundo o autor buscando o reequilíbrio defensivo, “o ala oposto ajuda o lado forte” nesta ação o ala posicionado do lado contrario a posição atual da bola deve buscar concentra-se ao bloco defensivo de modo a fechar os espaços adversários.

2.5.2.1 Aproximação

Este fundamento tático segundo Ferretti (2006) reclama que o marcador se aproxime do atacante de forma precisa e equilibrada, o que segundo ele facilitaria sua abordagem ou contenção ao jogador adversário. Santana (2004) advoga que o bom defensor deve exercer a aproximação de modo que consiga se posicionar para se opor ao portador da bola concomitantemente ao momento do passe, isto é, o defensor deve estar atento às linhas de passe e reagir adequadamente ao momento em que o jogador ao qual está exercendo oposição poderá se tornar portador da bola e, neste instante, se aproximar do mesmo tornando oportuno sua ação sem que este tenha o total controle da bola, segundo o autor “o tempo que a bola leva para chegar ao adversário é o tempo que o marcador deve levar para vencer o espaço que o separa daquele”.

2.5.2.2 Abordagem

A abordagem ou contenção é explicada por Junior (2007) como a ação do jogador defensor de realizar a oposição ao portador da bola, isto é, na tentativa de progressão do atacante portador da bola, o defensor o aborda na tentativa de recuperar a posse da mesma. O autor explica que a abordagem pode ser ativa, onde o defensor realiza a contenção do adversário tentando o

desarme direto. Existe, também, a abordagem passiva, nesta ação o defensor deve diminuir os espaços do portador da bola, porém, este não tentará o desarme diretamente, mas sim induzirá o movimento do atacante para o lado da defesa onde a ação de sua equipa seja mais eficiente. Ferretti (2000) explica que a contenção ou abordagem pode ser o fator de sucesso ou insucesso de uma defesa posicional, principalmente quando o jogador a realizar a abordagem o faz de maneira equivocada, sendo driblado no caso de uma defesa individual ou induzindo para o lugar equivocado quando de uma defesa por zona.

2.5.2.3 Procurar estar atrás da linha da bola

Segundo Bayer (1994) nos jogos desportivos coletivos os conceitos de defesa devem-se orientar pelo espaço de jogo, bola e meta, no futsal estes conceitos estão presentes em fundamentos táticos específicos. Saad (1997) explica que a linha da bola se trata de uma linha imaginária que passando sobre a bola de jogo paralela a linha central. Para o autor a linha da bola serve como referência para a equipa defensora. Ferretti (2000) adverte que em uma defesa sólida e equilibrada todos os jogadores defensores devem-se posicionar atrás da linha da bola, neste fundamento todos os marcadores se posicionam de forma a favorecer com que tenham em seu campo de visão a bola e seu opositor direto. Santana (2006) faz questão de ressaltar que o fundamento tático de estar atrás da linha da bola auxilia a equipa defensora a ocupar espaços importantes em sua quadra que poderiam ser ocupados pelos atacantes.

2.5.2.4 Triângulo defensivo

O princípio defensivo essencial de se manter o campo visual de forma a contemplar a bola e o atacante é explicado por Saad (2002). É chamado por triângulo defensivo por Ferretti (2006), o autor explica que o defensor deve-se posicionar de forma a formar um triângulo imaginário entre a bola e o atacante ao qual faz o posição e ele próprio, segundo ele é de extrema importância que o defensor esteja atento à bola e aos movimento de seu opositor, estando apto a agir em função dos movimentos do mesmo. Neste fundamento, o defensor deve

guardar a distância do atacante de maneira a se relacionar com jogo, os autores informam que quanto maior for a possibilidade do atacante de receber a bola mais próximo dele deve estar o defensor.

2.5.2.5 Vigilância

Este fundamento exige que no momento em que o atacante realiza um passe a atenção do defensor esteja voltada para o movimento do atacante e não para a bola (Saad, 2002), este movimento evita que o atacante se desloque e receba a bola em uma posição desfavorável à defesa. Ramírez Amor e colaboradores (1998) batizaram este acompanhamento do defensor de vigilância, os autores explicam que ao acompanhar o defensor o objetivo deste deve ser recuperar o equilíbrio defensivo e reestabelecer o triângulo defensivo em relação a seu opositor e a bola, ação corroborado por Santana (2004) e completada, para o autor no fundamento da vigilância o defensor deve sempre se posicionar entre o atacante e sua meta, mantendo-o de sobremaneira em seu campo visual.

2.5.2.6 Cobertura

Braz (2006), Garganta, (2006b) e Guilherme (2004) estabelecem que a cobertura defensiva deve ser um conceito permeado em todas as estratégias defensivas. Para Lozano Cid e colaboradores (2002) este fundamento é entendido como a ação de assistir seu companheiro que esteja em uma posição de ser batido pelo jogador adversário atacante, neste momento o defensor abandona sua posição para realizar a cobertura de seu companheiro de acordo com a leitura realizada. Junior (2007) adverte que neste fundamento tático o jogador será obrigado a abandonar sua zona de conforto e saia ao encontro do adversário que venceu seu companheiro, reclamando um adequado posicionamento de forma a realizar o triângulo defensivo.

2.5.2.7 Permuta

Este fundamento tático defensivo vem segundo Lozano Cid e colaboradores (2002) associado à cobertura, nesta ação o jogador que é batido pelo atacante com bola deve ao visualizar que seu companheiro realizou a ação de cobri-lo procurar o atacante que estava sendo marcado por seu companheiro e ir realizar oposição a este, desta forma ocorre uma permuta entre os defensores de modo a se reestabelecer o equilíbrio defensivo.

2.5.2.8 Troca de Marcação

A troca de marcação ocorre quando um jogador, a realizar a leitura de movimento do adversário, compreende que está em uma posição para marcar outro jogador, ele deixa o seu opositor direto e passa a realizar a marcação de outro atacante sem que isto implique em desvantagem para sua equipa (Santana, 2004). Silva e colaboradores (2002) advertem que esta ação deve ocorrer quando ocorre uma troca clara e previsível de posição dos atacantes, este fundamento evita desgastes desnecessários para a equipa defensora, é, também, uma ação de suma importância para defesas em zona, Ferretti (2006) esclarece que em defesas zonais, de acordo com as estratégias estabelecidas, as trocas de marcação são uma constante para a equipa, pois nestas situações o jogador defensor ocupa uma posição na quadra de jogo sendo o responsável pela defesa naquele setor, independentemente das trocas de posicionamento dos jogadores atacantes. Para tal o autor adverte que deve existir uma sincronia entre os jogadores marcadores da primeira linha e os da segunda linha, pois para ele qualquer erro nesta função pode resultar em golo do adversário.

2.5.2.9 Dobra de Marcação

Junior (2007) explica que a dobra de marcação exige que o defensor abandone seu opositor direto e vá ajudar seu companheiro que está a marcar o portador da bola, realizando assim a situação de dois contra um. Para Lozano Cid e colaboradores (2002) a dobra realizada de maneira equivocada pode ocasionar um risco muito grande para a equipa defensora, portanto, para ele este movimento deve ser rápido, coordenado e agressivo. O autor advoga que esta

ação deve ser realizada longe da meta que se defende, em uma posição mais próxima à ala e que seja realizada sobre o jogador mais fraco da equipa atacante.

2.5.2.10 Encaixe de Marcação

Este fundamento exige um movimento coordenado onde os defensores se aproximam de seus opositores restringindo-lhes o espaço e as oportunidades de receberem o passe (Junior, 2007). Neste fundamento as ações individuais de aproximação ao atacante pelo defensor resulta em uma defesa pressionante às linhas de passe prováveis. Santana (2004) argumenta que este fundamento tático defensivo individual deve ser exercido de modo coordenado, ou seja, coletivamente. Para o autor na medida em que o portador da bola sofre uma contenção pressionante do defensor, os demais defensores devem exercer o encaixe de marcação, neste momento as linhas de passe são dificultadas e existe uma boa possibilidade de se recuperar a posse da bola, este fundamento deve ser adotado, segundo o autor, por defesas ativas e pressionantes.

2.5.2.11 Antecipação

A antecipação vem geralmente associada ao triângulo defensivo e ao encaixe de marcação, esta ação reclama que o defensor se adiante do atacante que receberia a bola (Silva et al, 2002). Neste movimento o defensor realiza o encaixe de marcação e ao realizar a leitura de passe do portador da bola consegue perceber sua direção, força e velocidade, em seguida o marcador toma a frente de seu opositor, antecipando-se ao atacante e recuperando a posse da bola

2.5.2.12 Ajuda

Assim como no fundamento de dobra, a ajuda se materializa pela tentativa situacional de exercer a superioridade numérica de dois contra um.

Santana (2004) adverte que a despeito da cobertura que visa suprir uma

eventual falha defensiva, a ajuda consiste em criar uma situação de superioridade numérica. O autor ainda faz a devida diferenciação com a dobra, onde no caso da ajuda a ação ocorre próxima à meta onde se defende e em linhas gerais quando o atacante recebe a bola e fica de costas para o gol, neste momento o jogador mais próximo realiza a ajuda para tentar uma contenção pressionante.

2.5.2.13 Sobreposição de cobertura

A sobreposição de cobertura tem o sinónimo de cobertura da cobertura, nesta ação ao perceber que o defensor que realizou a abordagem na primeira linha de defesa foi superado e em seguida a cobertura que fez a atuação também foi vencida, o jogador que ocupava o lado oposto da bola na segunda linha se posiciona de modo a conseguir combater o atacante (Santana, 2008). Neste movimento o jogador deve estar sempre disponível a ajudar os seus companheiros que foram vencidos ao realizar a contenção do atacante. Santana (2019) explica que este fundamento se faz preponderante em uma defesa em zona.

2.5.3 Fundamentos táticos individuais de transição ofensiva

Para Silva e colaboradores (2002) a transição ofensiva pode ser explicada como um ataque não sistêmico e executado contra defesas desequilibradas. Lozano Cid e colaboradores (2002) advoga que a transição ofensiva deve ser um ataque rápido, buscando imprimir velocidade vertical ao ataque. Para o autor a que equipa realiza a transição não pode dar a chance de que a defesa retorne e se estabeleça em sistema, segundo o autor a transição pode, além de ser um ataque em superioridade numérica, ser uma ação de superioridade territorial, neste caso o ataque teria apenas a vantagem territorial e uma igualdade numérica, ou no melhor dos casos obter ambas superioridade, estando em vantagem numérica e em uma posição privilegiada do terreno de jogo. Santana (2019) esclarece que o princípio de uma equipa ao realizar a transição defensiva deve ser sempre o de “atacar rápido quando recuperar a bola”, para o autor a transição deve ser norteadada por um jogo direto com o menor

tempo de ação até se alcançar a meta adversária, para tal desenvolveremos a seguir os fundamentos individuais ancorados na literatura.

2.5.3.1 Conduzir sobre a marcação

Neste fundamento o jogador que recupera a posse de bola, tem como propósito conduzir a bola até que seja confrontado por um defensor (Sampedro, 1998), o portador da bola deve conduzir a bola de forma a não precipitar sua decisão. Para Gambier (2008) o condutor da transição ofensiva se não confrontado pela defesa não deve passar a bola, deve conduzi-la atacando o espaço deixado pela equipa adversária, segundo o autor este fundamento tático é de suma importância para a transição, ele ainda adverte que o condutor do contra-ataque deve sempre procurar realizá-lo pelo meio da quadra de jogo, isso aumentaria suas linhas de passe.

2.5.3.2 Imprimir velocidade

A definição de transição ofensiva reclama velocidade, neste fundamento Gambier (2008) deixa claro seu objetivo, para ele no momento da transição o portador da bola deve imprimir velocidade à ação. Santana (2019) considera que as equipas devem ao recuperar a posse de bola atacar o mais rápido possível, de modo a não permitir a defesa adversária se reequilibrar. Sampedro (1998) explica que imprimir velocidade ao contra-ataque é de grande valia para uma ação de sucesso.

2.5.3.3 Correr em profundidade

Durante a ação de transição não é apenas o condutor da bola que precisa agir taticamente. Para Sampedro (1998) os atacantes que no momento da transição ofensiva estiverem sem bola e próximos da ação devem correr em profundidade, criando linhas de passe verticais. Gambier (2008) advoga que o portador da bola ao imprimir velocidade e conduzir a bola sobre o defensor reclamará de seus companheiros que estejam posicionados de modo que

recebam a mesma à frente da linha do primeiro, isto é, os jogadores sem bola devem acompanhar o condutor do contra-ataque, correndo em profundidade com o objetivo de receber o passe em condições de uma rápida finalização da ação, rematando à baliza ou criando uma situação de finalização clara a um companheiro.

2.5.3.4 Entrar em linha de passe

Este fundamento se associa ao de correr em profundidade (Sampedro, 1998). Defende Gambier (2008) que no momento da transição ofensiva os atacantes sem bola devem acompanhar o portador da bola de maneira a que sempre estejam em condições de a receber, isto é, oferecer-se em uma posição em que não haja um opositor entre eles e o condutor da bola. Santana (2019) explica que no momento de transição ofensiva os jogadores sem bola devem ajudar seu companheiro em posse da mesma de modo a oferecer ao mesmo linhas de passe para efetuar sequência ao contra-ataque.

2.5.4 Fundamentos táticos individuais de transição defensiva

O momento de transição defensiva consiste em um momento delicado para as equipes de futsal, Sampedro (1998) explica que nesta situação a equipe encontra-se desequilibrada defensivamente, pois acabou de perder a posse da bola. Para Lozano Cid e colaboradores (2002) a transição defensiva pode ser explicada como o momento em que uma equipe se vê obrigada a realizar uma defesa rápida, em desvantagem numérica ou posicional, esta ideia é corroborado por Gambier (2008), que acrescenta o objetivo de retardar o ataque adversário de modo a dar oportunidade ao retorno dos integrantes de sua equipe a fim de se estabelecer uma defesa em sistema.

Santana (2019) defende que no momento de transição defensiva todos os jogadores devem estar cientes do seu papel, onde é imprescindível que todos estejam comprometidos a ocupar seus espaços defensivos com o intuito de reequilibrar a defesa e se defender em sistema.

2.5.4.1 Temporização

Segundo Lozano Cid e colaboradores (2002) o tempo é um imperativo na transição defensiva, o autor defende que cada segundo ganho pela defesa pode ser valioso para o reequilíbrio defensivo. Santana (2019) explica que o fundamento de temporização consiste em retardar a ação do atacante, Ramírez Amor e colaboradores (1998) defendem que o defensor mais próximo ao condutor do contra-ataque deve assumir uma atitude passiva em relação à sua abordagem, trazendo dúvida ao atacante, isto é, não deixando claro se irá realizar a abordagem do portador da bola ou retornar em direção a sua meta. Os autores advogam que esta ação contribui para que os demais colegas retornem de maneira posicional a fim de se reequilibrar o sistema defensivo.

2.5.4.2 Retorno defensivo

O fundamento de retorno defensivo é a complementação da temporização. Santana (2019) explica que a primeira função dos jogadores que estão à frente da linha da bola no momento em que sua equipa perde a posse da mesma é retornar o mais rápido para o campo defensivo, enquanto que o jogador que está mais próximo do condutor da transição deve tentar retardar a ação do ataque de maneira a facilitar o retorno dos primeiros. Silva e colaboradores (2002) advertem que ao perder a posse de bola todos os jogadores devem retornar o mais rápido possível às suas posições de defesa em sistema, ele adverte que o retorno deve ser feito pelo caminho mais curto, de modo a que o reequilíbrio defensivo possa ser atingido no menor tempo possível.

2.5.4.3 Equilíbrio defensivo

Em uma situação de transição defensiva Sampedro (1998) enaltece que a equipa se vê obrigada a realizar oposição ao ataque de modo desequilibrado, ou seja, em desvantagem numérica e ou territorial e associado aos fundamentos de temporização e de retorno está o equilíbrio defensivo. Santana (2008) menciona que ao retornar de uma perda de posse de bola os defensores devem-se posicionar de modo a recuperar a igualdade numérica e territorial de modo a equilibrar as possibilidades de defesa ao ataque. Ao explicar a transição

defensiva Silva e colaboradores (2002) advertem que as equipas devem procurar o equilíbrio defensivo, só assim seria possível reestabelecer sua defesa sistêmica.

2.5.4.4 Atacar a bola

Este fundamento tático se apresenta como a antítese da temporização, Santana (2008) explica que existem treinadores que em sua estratégia optam por atacar a bola assim que a perde, isto é, no momento em que se perde a bola, o defensor mais próximo do condutor do contra-ataque deve abordar a bola o mais rápido possível, de modo a lhes tirar o tempo de decidir o que fazer, esta opção remonta à ideia de Bayer (1994) de que a defesa nos jogos desportivos coletivos deve ser sempre ativa.

2.6 FUTSAL: UM JOGO COGNITIVO

Garganta (1997) descodifica os aspetos inerentes aos jogos desportivos coletivos, o autor explica que diversos autores tentam qualificar os jogos desportivos coletivos ao longo do tempo, porém elas diluem-se conforme as características de cada modalidade.

Garganta (1998) descortina uma diferenciação entre os desportos coletivos, para o autor as modalidades coletivas podem ser enquadradas entre as *score-dependent* a qual se espelha o voleibol e o ténis, e *time-dependent* que correspondem às modalidades delimitadas pelo tempo, destacando o futebol, basquetebol e o futsal.

Portanto, podemos afirmar que segundo os autores referidos o futsal é um jogo desportivo coletivo de característica *time-dependent*. Para Garganta (1997) os jogos desportivos dependentes do fator tempo tendem a apresentar cadeias de acontecimentos descontínuos, porém, interativos e implicitamente relacionados, e afetando a probabilidade de ocorrência dos acontecimentos subsequentes. Segundo o autor essas características implicam ao jogo uma complexidade colossal.

Ainda seguindo as características apresentadas pelo futsal Santana (2019) nos mostra que a complexidade do jogo de futsal pode ser compreendida pelo facto de que os jogadores devem a um tempo interagir com a bola, constrangidos pelos adversários, compreendendo a movimentação dos jogadores de sua equipe, defendendo seu alvo e atacando o adversário, adaptando seus movimentos ao terreno e demarcações do espaço de jogo sendo pressionado pelo fator tempo. Moreira e colaboradores (2013) defendem que todas as características apresentadas tornam o futsal um desporto de incertezas, Santana (2008) aponta o futsal como uma modalidade que desafia as probabilidades de cálculo e de previsões.

Ramírez Amor (1998) explica em sua obra que dado as suas características o futsal reclama um elevado número de passes acelerados, constantes movimentações sem bola, um elevado índice de perda e recuperação de posse de bola e grande incidência de golos. Santana (2004) evidencia que a forte marcação e intensa troca de equipes detentoras da posse de bola, muitas situações de ataques posicionais são transformadas em situações de

superioridade numérica e, também, de inferioridade exigindo dos jogadores alta capacidade interpretativa e inteligência no momento de tomada de decisão para solucionar de maneira adequada os constrangimentos que o jogo os submete.

2.6.1 O processo da tomada de decisão

A tomada de decisão segundo a abordagem tradicional da psicologia é explicada por Travassos (2019) como um processo cognitivo que leva em consideração os esquemas mentais armazenados na memória. O autor explica que a tomada de decisão pode ser explicada como um processo mental de seleção de ações.

Stein e colaboradores (2006) explicam que no momento de tomada de decisão o indivíduo se encontra pressionado a selecionar uma ação sobre uma situação idealizada que minimize a probabilidade de se obter um resultado indesejado e maximize as possibilidades de resultados positivos. Ampliando a discussão da tomada de decisão, fundamentalmente no futsal, Travassos (2019) advoga que não existe neste desporto uma tomada de decisão correta ou incorreta definidas *à priori*, o autor explica que para essa situação seria necessário que todas as ações fossem evidenciadas, associadas a todas as possibilidades de ação dos adversários e de seus companheiros no momento da seleção do movimento do jogador, este processo segundo o autor seria infinito, e, provavelmente, impossível de se mensurar.

Tonetto e colaboradores (2006) explicam que as pessoas tendem a selecionar respostas de acordo com suas experiências vividas ou conhecidas. Segundo os autores, ao questionar pessoas sobre os índices de violência urbana, as que já viveram uma experiência de violência ou que tinham conhecimento de um caso desta natureza, estimavam os valores acima das pessoas que não tinha esta vivência. Neste caso os autores evidenciam que as pessoas têm a memória como base de resposta. Gaspar (2005) explica que no momento da escolha da ação o jogador tende a recorrer mentalmente às experiências vividas com relação à situação a que está exposto, isto é, o conjunto de experiências às quais um jogador adquire durante sua formação esportiva exercerão papel fundamental em suas futuras tomadas de decisão.

Travassos (2019) explica que o processo se inicia quando o jogador

recebe uma série de estímulos do ambiente, aos quais ele ao detetá-los lhes atribui um significado. Em sequência, o indivíduo compara os significados à sua memória esportiva, ou seja, ele compara as soluções motoras armazenadas com os significados dos estímulos a ele apresentados, neste momento o jogador escolhe uma ação motora à qual ele julga ser a mais adequada para os significados. Desta forma, o jogador exerce uma seleção de ação decorrente de estímulos a ele oferecidos pelo ambiente, e que após a sua escolha volta a interagir com o ambiente criando assim uma resposta regulada pelo ambiente e que, conseqüentemente, será reguladora do mesmo. Portanto, as percepções das oportunidades de ação dadas pelo ambiente e as capacidades físicas e mentais do jogador interagem a todo o momento.

O processo de tomada de decisão se inicia com a percepção, isto é, de acordo com Travassos (2019) o jogo de futsal proporciona aos jogadores uma gama de informações as quais precisam ser detetadas pelos mesmos. A informação é colhida no ambiente de jogo pelo jogador e esta é oriunda de diversos emissores, a citar: o terreno de jogo, os adversários, companheiros, a bola e, por vezes, estes entes em conjunto. Castelo (1999) corrobora com a ideia e explica que cada jogador deve perceber os estímulos de seus companheiros, dos adversários bem como da superfície de jogo como um todo.

Desta forma, as informação captadas pelos jogadores de forma direta passam a oferece-lhe uma gama de ações em resposta. Travassos (2019) explica que ao detetar as informações que emergem do jogo, o jogador de futsal será constrangido a julgar qual a ação mais eficaz para executar, o autor advoga que tal e qual os sistemas dinâmicos as decisões emergem de bifurcações dentre as possibilidades de ações. Este processo compreende um ajustamento entre indivíduo e contexto com intuito da decisão mais funcional para o momento.

Garganta e colaboradores (2005) afirmam que o jogador de jogo desportivo coletivo deve estar sempre apto à tomada de decisão baseado em cinco questões as quais citam os autores: o que, como, quando, porque e onde fazer? Os autores advertem que perante determinada informação, uma tomada de decisão pode acarretar um desequilíbrio para a equipa adversária ou para sua própria equipa, portanto, ao detetar as informações o jogador deve realizar entre as opções a seleção da ação. Para isto Travassos (2019) adverte que para a melhor seleção da ação os jogadores devem apresentar um profundo

conhecimento do jogo e experiências somáticas que os credencie a uma tomada de decisão eficiente.

Santana (2004, 2008) advoga que o jogador de futsal de alto nível tem um profundo conhecimento do jogo, desta forma este consegue através das informação percebidas pelo contexto do jogo explorá-las e confrontá-las com seu conhecimento e memória desportiva, deste modo este estará preparada a selecionar a ação mais eficiente para os problemas apresentados. Travassos (2019) adverte que a escolha da ação de um jogador que se encontra da posse da bola, entre executar um passe em profundidade ou realizar o passe seguro para um jogador que se apresente em suporte, dependerá não só das informações obtidas pelo jogadores portador da bola, da distância das linhas de defesa e ou de seus companheiros, mas também do seu conhecimento tático, da estratégia pré definida e objetivos da sua equipa, ou seja, o jogador deve decidir baseado na informação detetada, estratégia e memória desportiva, procurando executar a seleção mais adequada para os problemas apresentados.

Deste modo Santana (2004) advoga que os melhores jogadores são os mais preparados a resolver problemas, que segundo o autor são uma constante no jogo de futsal. Ideia corroborada por Garganta e colaboradores (2005), e completada por Travassos (2019) que explica o fator da tomada de decisão como uma interação entre as informações, o conhecimento do jogo, a estratégia e as capacidade físicas do jogador. O autor ainda adverte que além do conhecimento sobre o jogo, isto é, acerca da estratégia de sua equipa e dos jogadores com os quais irá atuar, bem como dos adversários, também, este deve deter conhecimento do jogo que permite aos mesmos identificar no contexto as informações espaço-temporais, que para ele, somadas as capacidades físicas, permitam tomar as decisões mais eficazes.

Dentre do conhecimento adquirido do jogo, Magill (1998) estabelece uma diferenciação entre o conhecimento declarativo e o conhecimento processual. Segundo o autor o conhecimento declarativo consiste em reconhecer as informações visuais e verbais que o jogo oferece com o intuito de responder à questão de: o que fazer? Isto é, dentre os estímulos apresentados o jogador deve responder de forma analítica qual a solução a ser aplicada. Já o conhecimento processual reside em como fazer. Ou seja, dentre as informações colhidas, ancorados em suas experiências os jogadores precisam explorar as

soluções, desenvolver uma ação e executá-la.

A tomada de decisão, segundo Travassos (2013), pode ser compreendida como um processo adaptativo, que consiste em um comportamento altamente ajustável entre as possibilidades de ação emanadas pelo jogo. O autor explica ainda que o que difere os jogadores experientes dos inexperientes é o conhecimento processual, ou seja, apesar de no conhecimento declarativo ambos apresentarem níveis parecidos, a execução da ação é onde se diferem os jogadores de grande experiência. Informação corroborada por Santana (2019), onde o autor explica que os jogadores inexperiente precisam em seu processo de formação, vivenciar as divergentes possibilidades do jogo de futsal, isto é, para o autor os jogadores experientes apresentam uma vivência esportiva que lhe permite recorrer às suas experiências e memórias esportivas criando assim um grande repertório de ações quando confrontado aos problemas do jogo.

2.6.2 Como avaliar a tomada de decisão?

Santana (2004) realiza a abordagem do ensino-aprendizagem pautado nos preceitos cognitivos do jogador e completa advogando que os jogadores devem acumular ao máximo situações problemas em seu processo de desenvolvimento como jogadores. Oliveira e colaboradores (2012) explicam que os melhores jogadores possuem um comportamento tático pautado em seus conhecimentos do jogo e sobre o jogo. Garganta e colaboradores (2015) conservam em suas explanações o alicerce de que os melhores jogadores são os inteligentes e que apresentam competências que permitam decidir de forma satisfatória dentre as inúmeras possibilidades dentro de um constrangimento emanado do complexo jogo de futsal.

Dentre as afirmações supracitadas surge uma questão: como se pode avaliar a tomada de decisão?

Travassos (2019) explica que a abordagem tradicional sobre o tema tem ao longo do tempo pautado suas avaliações na capacidade de verbalização dos jogadores, na comparação do tempo de resposta ou qualidade da resposta e, posteriormente, escrutinados por peritos. O que, segundo ele, restringiria a avaliar somente o conhecimento declarativo dos mesmos. Como apresentado

anteriormente e corroborado por Garganta (2006^a); Santana (2004) e (2008); Garganta e colaboradores (2015) e Travassos (2013) o saber como fazer tem maior preponderância para o jogador de sucesso, portanto, o conhecimento processual evidencia-se fundamental no contexto do jogador de futsal.

A comparação entre jogadores peritos e não peritos do ponto de vista da tomada de decisão, apresenta melhores resultados quando realizada em contexto de jogo, em detrimento da avaliação pautada na verbalização da seleção da ação, isto é, as medições realizadas a partir da ação desportiva apresenta índices superiores dos peritos sobre os não peritos, ao passo que em condições de se realizar um juízo sobre a ação pré estabelecida demonstra números semelhantes entre os não peritos e peritos (Travassos, 2013).

O conhecimento processual se difere do conhecimento declarativo, e não somente do ponto de vista das formas avaliativas bem como segundo Savelsbergh e colaboradores (2008) ao perceber para verbalizar ou perceber para agir tem implicações diferentes nas informações coletadas pelos jogadores, isto é, do ponto de vista da neurociência as informações percebidas para a tomada de decisão diferem quando se reportam às diferentes formas de conhecimento do jogo.

Ao partir do pressuposto que o conhecimento processual se faz fundamental para o jogador de futsal, as avaliações acerca das tomadas de decisão reclamam ser realizadas dentro do contexto de jogo (Santana, 2004). O futsal consiste em um jogo de contextos complexos e interações constantes entre os participantes, compreendendo os companheiros e os adversários, deste modo, as avaliações precisam contemplar o entendimento do jogador de futsal e suas ações concretas, de tal sorte a abarcar as variações espaço temporais em conluio com os ajustes dos adversários e companheiros, orientando assim o comportamento decisional do jogador dentro do contexto de jogo (Travassos, 2019). Desta forma, advoga o autor, as avaliações chegariam perto do que se espera do jogador de futsal perito.

Ainda segundo Travassos (2019), a forma racional de avaliação da tomada de decisão dentro do contexto do conhecimento processual se faz em consequência da tomada de decisão do jogador. Um exemplo: ao receber as informações do contexto do jogo um jogador se desmarca em rotura e recebe o passe em condições de finalizar ao gol, este tomou a decisão correta em função

do resultado da ação, por outro lado explica o autor se o mesmo receber as informação de que se deve desmarcar em rotura e o jogador se desmarca em apoio atrasando o ataque de sua equipa e, conseqüentemente, sofre um desarme, em conseqüência de sua ação pode-se concluir que sua decisão foi equivocada. O autor adverte que uma determinada gama de informação pode sofrer interpretações e seleção de ações diferentes e em função de sua conseqüência obter o mesmo resultado sendo ele positivo ou negativo, isto é, como explicado por Santana (2004) não se pode entender uma tomada de decisão como perfeita e única pois mesmo que esta surta efeito positivo, outro jogador poderia decidir de forma diferente e mesmo assim alcançar o mesmo efeito positivo. Para o autor a seleção de jogadas é um eterno exercício de ajustes dos jogadores, desta forma a aleatoriedade de movimentos, velocidade, distância, capacidades físicas do adversário e do jogador selecionador da ação exercerão papéis diferentes, resultando em soluções diferentes para um mesmo problema.

Deste modo, corroborando com os autores supracitados, não há que se falar em boa ou má tomada de decisão. Devido ao facto de diferentes ações resultarem em tomadas de decisão com o mesmo resultado Travassos (2019) adverte que a tomada de decisão deve ser conceituada como eficaz ou não eficaz, de acordo com o resultado da seleção da ação, isto é, a tomada de decisão é eficaz quando sua conseqüência contribui para se alcançar os objetivos coletivos e individuais, ao passo que deixa de ser eficaz quando o resultado da ação não contempla os objetivos do jogador nem de sua equipa.

2.6.3 O jogador inteligente

O desporto carrega em si a incessante busca por melhorar os níveis de prática e, conseqüentemente, de seus praticantes. O futsal não poderia ser diferente e como jogo coletivo que é *time-depend*, complexo, o que faz de um jogador eficaz ou não?

Bayer (1994) advoga que o ensino dos jogos desportivos coletivos podem ser abordados de duas maneiras: método tradicional e método ativo. Na corrente pedagógica tradicional, o jogador se constrói pautado em um modelo perfeito, isto é, através de repetições de movimentos pré-estabelecidos, o jogador é estimulado a memorizar, padronizar e afinar um dito movimento perfeito, pautado em modelos mecânicos proposto pelo treinador. Ao passo que para o autor no método ativo, os jogadores são seres ativos permeados de criatividade e devem estes estar no centro da abordagem, ou seja, os jogadores devem ser provocados a elaborar em si comportamentos adaptativos, flexíveis e diversificados, levando em consideração seus interesses, sua memória desportiva, imaginação e iniciativa pessoal.

Partindo da abordagem ativa Santana (2019) adverte que neste modelo construtivista uma questão deve ser enquadrada “o jogador deve aprender a jogar”, deste modo o autor deixa claro que o principal objetivo do treinador é formar o jogador de modo que este consiga atuar de forma autónoma, capaz de conseguir dirimir os problemas apresentados pelo jogo de futsal. A partir desta abordagem ele explica que se busca um “jogador inteligente”.

No desportos coletivos e sobretudo no futsal, a busca deve ser por jogadores capazes de interpretar o jogo de melhor maneira possível, e sendo bons leitores de jogo que estes consigam julgar e selecionar respostas positivas (Braz, 2006).

Para Guilherme (2004) os melhores jogadores são os mais inteligentes, facto que ele explica como jogadores que decidem bem, isto é, os jogadores inteligentes são aqueles que em situações do jogo tomam decisões eficazes para sua equipa.

Tonetto e colaboradores (2006) explicam que as tomadas de decisão devem ser ancoradas em experiências e conhecimentos adquiridos. Seguindo este raciocínio Garganta e colaboradores (2015) explicam que o jogador

inteligente precisa de ter competências que são constantemente exigidas no decorrer de uma partida, os autores advogam que estas competências serão o balizamento para as tomadas de decisão dos jogadores.

O futsal, segundo Santana (2019), deve ser ensinado sob o prisma da inteligência tática, isto compreende que os jogadores de futsal devem em sua formação adquirir competências táticas, deste modo eles estariam melhor preparados para em função dos constrangimentos do jogo de futsal selecionar as ações mais eficazes para ele e sua equipa.

CAPÍTULO III

3. OBJECTIVOS DO ESTUDO

Garganta e colaboradores (2015); Santana (2008, 2019) mencionam que o jogador perito é o jogador inteligente, e que segundo os autores consiste no jogador que tem decisões eficazes no contexto do jogo.

3.1 OBJECTIVO GERAL

O presente estudo tem como objetivo caracterizar as competências táticas fundamentais que devem ser dominadas pelos jogadores de futsal para que estes possam ser considerados expertos na modalidade, isto é, realizar um mapeamento das competências táticas para que jogadores de futsal sejam capazes de atender as demandas que o jogo de futsal na categoria adulta exige.

3.2 OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Com o resultado deste trabalho de pesquisa pretende-se caracterizar as competências táticas fundamentais que os jogadores de futsal balizados em categorias (estatuto posicional), precisam dominar nas subcategorias (momentos do jogo):

- Momento ofensivo
- Momento defensivo
- Transição ofensiva
- Transição defensiva

Neste sentido a investigação surge de maneira a apontar indicadores que possam auxiliar a observação do desempenho dos jogadores de futsal.

Pretende-se então descortinar as competências táticas individuais do jogo de futsal, com o objetivo de balizar os treinadores para auxiliá-los nos processos de ensino-aprendizagem, bem como pretende-se auxiliar o momento de observação dos jogadores de futsal para a formação das equipas.

CAPÍTULO IV

4. METODOLOGIA

Com o intuito de se mapear as competências táticas fundamentais que jogadores de futsal necessitam dominar para que se estabeleçam em uma equipa adulta, o presente estudo se ancorou em uma metodologia de pesquisa qualitativa, explicada por Trivínõs (1987) como uma pesquisa capaz de traduzir o pensamento humano, e indicada para pesquisas em que se tem o objetivo de contribuir para a descrição ou o construto de qualidades.

Desta forma, para a descrição das competências se utilizou dos passos detalhados a seguir.

4.1 FORMATAÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS, E CONTRUTO DOS INDICADORES

Relativamente à construção das categorias e subcategorias, partiu-se do pressuposto dos diferentes estatutos posicionais clássicos do futsal: fixo (centra ou beque), alas (externos) e pivôs (avançados). Compondo assim as categorias.

As subcategorias fazem referência aos momentos do jogo de futsal divididos em 4:

- Organização ofensiva;
- Organização defensiva;
- Transição ofensiva;
- Transição defensiva.

Para a elucidação das categorias e subcategorias ancorou-se na literatura específica realizando um cruzamento entre as informação apresentadas por Bayer (1994); Castelo (1999); Ramírez Amor e colaboradores (1998); Ferretti (1998), (2000) e (2006); Gambier (2008); Garganta (1997) e (2006b), Saad (1997) e (2002), Santana (2004) e (2008); Voser (2001).

Seguindo a lógica da pesquisa e definidas as categorias e subcategorias o intuito passou a ser o construto dos indicadores de competência, desta maneira recorreu-se mais uma vez à literatura específica e, posteriormente, realizou-se a

observação e análise de forma subjetiva do comportamento durante ações de jogadores de futsal das três principais equipes do futsal mundial à época. Para tal utilizou-se a premiação anual de melhor equipe realizada pela FIFA e divulgada pelo sítio esportivo Futsal Planet, premiação destinada às três melhores equipes de cada temporada. Em virtude do ano de 2018 ter sido o ano de início da pesquisa, a observação ocorreu com as 3 melhores equipes de 2017 de acordo com a FIFA (Quadro 3).

Quadro 3: Melhores equipes de futsal do mundo 2017 Fonte: (“BEST CLUB IN THE WORLD,” 2017)

BEST CLUB IN THE WORLD 2017	first	second	third
	MOVISTAR INTER FS (Espanha)	CARLOS BARBOSA (Brazil)	SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

Em sequência analisou-se as ações dos jogadores relacionados para os principais jogos da temporada das respectivas equipes, a saber: fase final da UEFA Futsal Cup, Liga Nacional de Futebol Sala, Liga Nacional de Futsal do Brasil e Mundial de Clubes da FIFA. Consoante as categorias (estatuto posicional) e subcategorias (momentos do jogo), totalizando 14 partidas, sendo 5 de cada equipe. Vale salientar que entre as partidas observadas está o duelo entre Movistar Inter x Sporting de Portugal pela decisão da UEFA Futsal Cup (Quadro 4).

Quadro 4: Jogadores Observados

Estatuto Posicional	Jogador	Clube
Fixo (Central, Beque)	Rafael Rato (Brasil)	Movistar Inter
	Ortiz (Espanha)	Movistar Inter
	Marlon (Brasil)	Carlos Barbosa
	Bruno Souza (Brasil)	Carlos Barbosa
	João Matos (Portugal)	Sporting de Portugal
Alas (Externos)	Ricardinho (Portugal)	Movistar Inter
	Gadeia (Brasil)	Movistar Inter

	Daniel Japonês (Brasil)	Movistar Inter
	Bruno Taffy (Brasil)	Movistar Inter
	Bruno Bafo (Brasil)	Carlos Barbosa
	Mythue (Brasil)	Carlos Barbosa
	Murilo (Brasil)	Carlos Barbosa
	Zico (Brasil)	Carlos Barbosa
	Diogo (Brasil)	Sporting de Portugal
	Pany (Portugal)	Sporting de Portugal
	Alex Merlin (Italia)	Sporting de Portugal
	Pedro Cary (Portugal)	Sporting de Portugal
Pivôs (Avançados)	Elisandro (Brasil)	Movistar Inter
	Humberto (Brasil)	Movistar Inter
	Rafa (Brasil)	Carlos Barbosa
	Pito (Brasil)	Carlos Barbosa
	Cardinal (Portugal)	Sporting de Portugal
	Dieguinho (Brasil)	Sporting de Portugal

Foram 23 jogadores observados das três principais equipas do ano, os comportamentos dos jogadores foram observados em contexto de competição oficial, e caso o mesmo comportamento fosse repetido por todos os jogadores do mesmo estatuto posicional referentes a cada momento do jogo das diferentes equipas, este comportamento passaria a ser um indicador de competência relativo ao estatuto posicional.

Dado o cruzamento de informação da literatura especializada e posterior observação dos comportamentos dos jogadores supracitados chegou-se a 22 indicadores de competência tática divididos entre os respetivos estatutos posicionais.

4.2 ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E PERITAGEM

Em sequência da obtenção dos indicadores que possibilitariam elucidar as competências táticas, elaborou-se um questionário semiestruturado, cuja sua formatação tinha como objetivo validar após o crivo de peritos os respectivos indicadores. Neste processo procurou-se validar a linguagem utilizada e averiguar se a mesma era compreensível à leitura, bem como se ela fazia referência aos comportamentos observados, os peritos responderam, também, se de acordo com seus conhecimentos e experiência estes indicadores realmente eram reproduzidos pelos jogadores, e se para eles estes poderiam ser reconhecidos como indicadores de competência tática fundamentais para os jogadores de futsal se estabelecerem na categoria adulta, referentes a cada estatuto posicional e momentos do jogo.

O documento apresentado aos peritos continha um termo de consentimento, onde foi explicado aos experts o formato do estudo, bem como a utilização dos dados. Juntamente ao termo de consentimento estava anexado o questionário dividido em quatro partes. A primeira parte foi destinada a identificação do perito com as variáveis: nome, data de nascimento, grau acadêmico, profissão, clube ou seleção a qual dirige atualmente. Na sequência a segunda parte estava reservada ao reconhecimento da experiência prática deste como jogador e treinador de futsal nas seguintes variáveis: anos de atividade como treinador e jogador, clubes onde atuou como treinador e jogador, seleções que integrou como treinador e jogador, bem como curso de treinador que tenha participado. Na terceira parte, os experts preencheram suas credenciais acadêmicas. Na última e quarta parte realizaram a análise de concordância dos indicadores referentes a seus estatutos posicionais e momentos do jogo, os peritos atribuíram aos indicadores graus de concordância, em caso de discordância ou de concordância parcial, o indicador continha uma questão aberta onde os peritos realizaram comentários que julgavam pertinente à inclusão aos indicadores. Para graduar a concordância dos peritos aos indicadores recorreu-se a escala de lickert adaptada que continha em cada resposta as seguintes alternativas: 1) concordo, 2) discordo e 3) concordo parcialmente.

Para a aplicação dos questionários e escolha dos peritos recorreu-se a

Trivinões (1987) que explica dizendo que os peritos devem ser pessoas com história na comunidade, com conhecimento amplo sobre o assunto e que tenha o poder de verbalizar e se expressar sobre o fenômeno estudado, neste sentido os peritos selecionados foram contactados a fim de se explicar as implicações do estudo, expor seus objetivos e solicitar sua participação. Em caso de aceite o pesquisador reuniu-se com os peritos e no local da aplicação do questionário reforçou os objetivos do estudo e lhes entregou o documento com o questionário e declaração de consentimento, prestando todos os esclarecimentos acerca dos indicadores e graus de concordância. Na quarta parte, em caso de dúvidas os peritos tinham a explicação do pesquisador e ou o auxílio do comportamento observado em audiovisual.

4.3 PROCEDIMENTO ESTATÍSTICO

Para a exploração dos dados e posterior análise lançou-se mão do software IBM SPSS® (Statistical Package for Social Science) for Windows®, da versão 25,0. Os dados foram analisados de forma descritiva obtendo-se assim média e desvio padrão e por distribuição de frequência.

Para a análise do grau de concordância entre os peritos relativo aos indicadores de competência consoante os estatutos posicionais e momentos do jogo foram utilizadas frequências relativas e absolutas. Por fim, para se estabelecer um indicador que resumiria o grau de concordância recorreu-se ao percentual médio de “concordo” entre os peritos.

4.4 ANÁLISE DOS PERITOS

Como recurso final de validação dos indicadores lançou-se mão da peritagem com especialistas em futsal.

Utilizou-se os seguintes critérios para a escolha dos peritos: serem treinadores ou selecionadores de futsal acreditados pelas federações competentes com experiência mínima de 10 anos, possuir experiência como jogador de futsal de no mínimo 10 anos, possuir formação acadêmica equivalente ao grau de doutor e ciências do desporto.

Jerónimo (2006) explica que perito é aquele que “sabe por experiência”, deste modo, procurou-se selecionar 5 peritos conforme orientação de Hernandez-Nieto (2002) que advoga que são necessários de 3 a 5 peritos para uma satisfatória validação (Quadro 5).

Quadro 5: Quadro de peritos

	Idade	Licenciado em Educação Física	Jogou na categoria principal	Anos de experiência como treinador	Trabalhou como selecionador nacional	Clube atual
S1	40	NÃO	SIM	18	NÃO	Sport Club Corinthians Paulista (Brasil)
S2	49	SIM	SIM	9	NÃO	Atlântico Erechin (Brasil)
S3	39	SIM	SIM	12	NÃO	Clube Atlético Paranaense (Brasil)
S4	39	SIM	SIM	10	SIM	JEC (Brasil) / Seleção Brasileira
S5	49	SIM	SIM	30	SIM	Iate Clube de Londrina (Brasil)

Os peritos selecionados (Quadro 5) têm em média $43,2 \pm 5,8$ anos de idade e possuem $15,8 \pm 14,2$ anos de experiência com treinadores de futsal, o tempo médio de experiência dos sujeitos como jogadores de futsal é de $15,4 \pm 10,4$. Dos cinco peritos quatro deles possuem licenciatura em educação física, três deles detêm pós-graduação em ciências do desporto e um possui doutorado em ciências do desporto.

Ainda sobre os quadros de peritos três deles tem experiências como treinadores de clubes na Liga Futsal que é a principal competição de clubes de futsal do Brasil, outros três trabalham ou já trabalharam nas seleções brasileiras, principal e sub-20, conquistando títulos expressivos como o Grand Prix de futsal (tradicional competição de seleções nacionais) e o título da primeira olimpíada da juventude a qual o futsal se fez presente, deste modo os dados resumidos ratificam a expertise dos peritos selecionados.

CAPÍTULO V

5. RESULTADOS

O grau de concordância entre os peritos foi o requisito de validação dos indicadores propostos nesta pesquisa, para tal baseou-se em (Hernandez-Nieto, 2002), o autor explica que para cada indicador se faz necessário um grau mínimo de concordância de 80%. Em estudo semelhante Barreira (2013) considerou como grau mínimo 65%, já Almeida (2016) considerou a concordância mínima de 80%, deste modo esta pesquisa considerou como em sua validação 80% como valor mínimo de concordância entre os peritos, isto é, para que um indicador de competência tática proposto fosse válido este necessitaria de que dos 5 peritos 4 respondessem com concordo ou concordo parcialmente.

No momento ofensivo do estatuto posicional fixo os 6 indicadores propostos tiveram grau de concordância de 100% como descrito no gráfico abaixo (Figura 8)

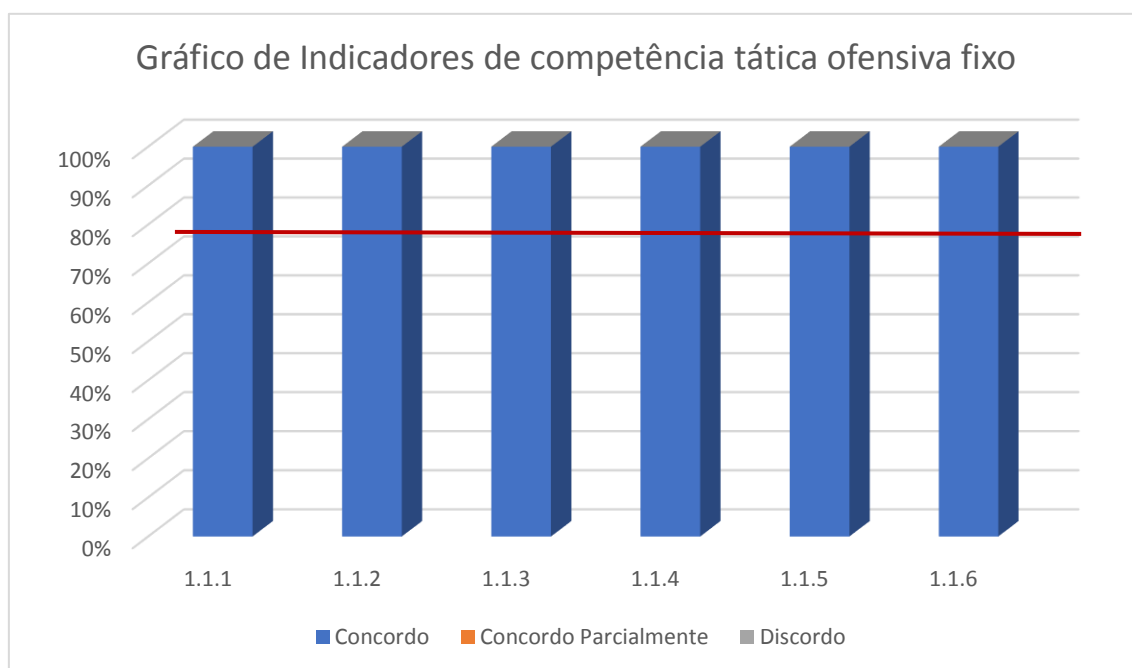


Figura 8: Gráfico de indicadores de competência tática ofensiva fixo

Com base na Figura 8 nota-se um alto nível de concordância entre os peritos que consideraram validos todos os indicadores propostos, os indicadores 1.1.4 e 1.1.5 obtiveram uma sugestão cada, porém, esse fator não foi corroborado por outros peritos.

Em sequência ainda referente ao estatuto posicional fixo, apresentaremos o resultado de validação no momento defensivo, que continha

7 propostas de indicadores (Figura 9).

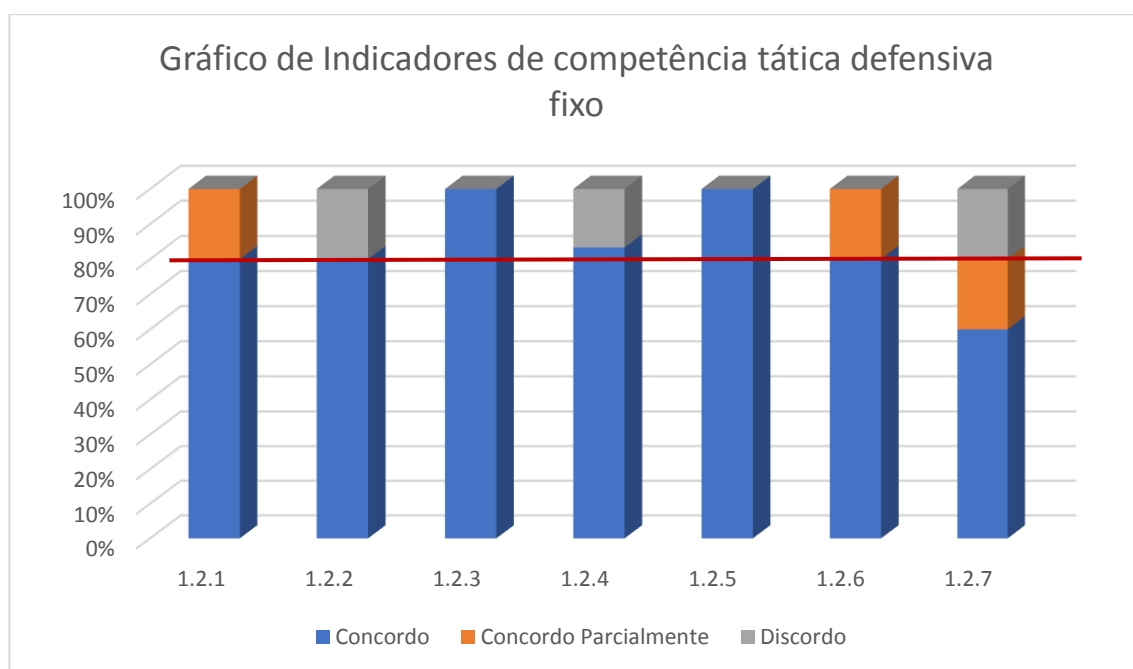


Figura 9: Gráfico de Indicadores de competência tática defensiva fixo

Como apresentado pela figura 9 nota-se que os 7 indicadores propostos obtiveram um grau mínimo de 80% de “concordo” e “concordo parcialmente”, sendo o item 1.2.7 o que apresentou maior nível de variação com 60% de “concordo”, 20% de “concordo parcialmente” e 20% de discordo.

Já os indicadores 1.2.3 e 1.2.5 obtiveram grau unânime de concordância, isto é, foram os itens mais valorizados pelos peritos no momento defensivo dos fixos.

Em seguida o questionário apresentou aos peritos os momentos de transição, onde as competências táticas de transição ofensiva para os fixos tinham 3 propostas de indicadores (Figura 10).

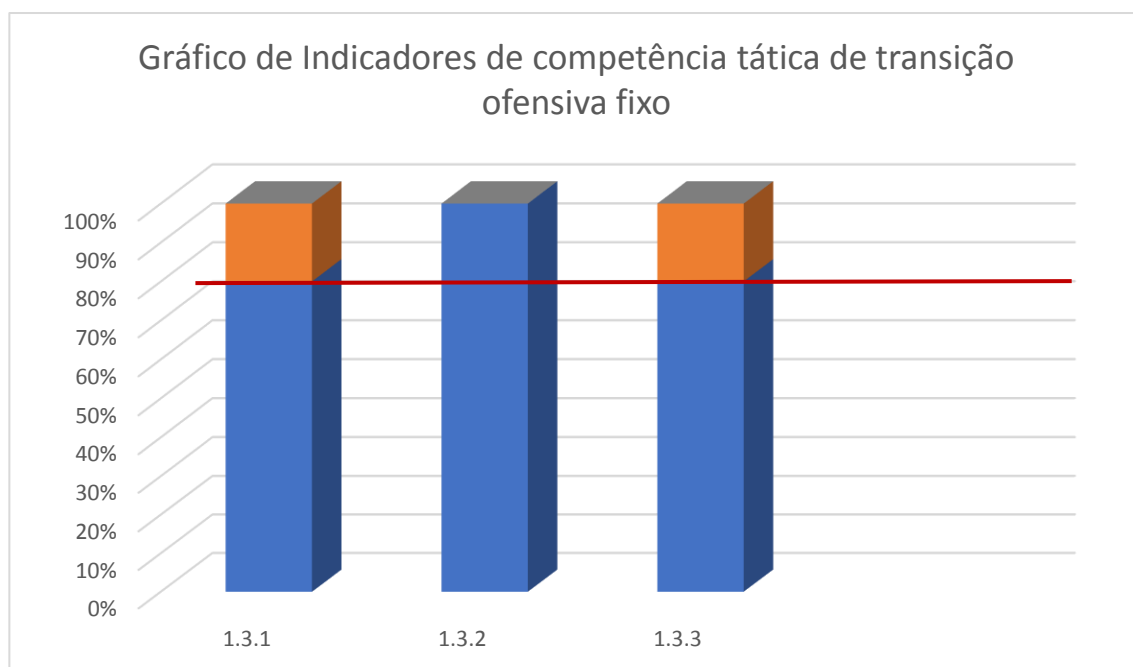


Figura 10: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição ofensiva fixo

Em observação à Figura 10 nota-se que o indicador 1.2.3 obteve grau unânime de concordância, ao passo que os demais indicadores apresentaram 80% de “concordo” e 20% de “concordo parcialmente”, sendo validos todos os indicadores propostos.

No momento de transição defensiva referente aos fixos foram propostos a exemplo do requisito anterior 3 indicadores (Figura 11).

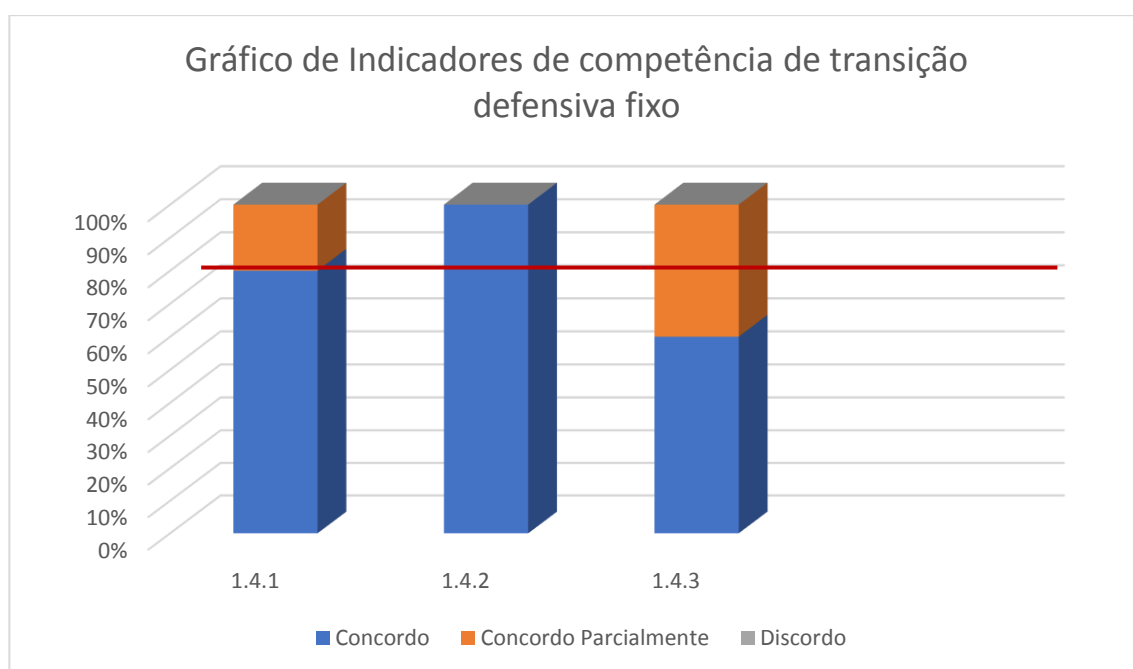


Figura 11: Gráfico de Indicadores de competência de transição defensiva fixo

Ao observar a Figura 11 fica evidenciado o indicador 1.4.2 que apresenta maior grau de concordância entre os peritos, em contra fluxo mesmo validado o indicador 1.4.3 obteve 60% de “concordo” e 40% de “concordo parcialmente”, abaixo os indicadores propostos e validados (Quadro 6).

Quadro 6: Indicadores válidos estatuto posicional fixo

Momento do Jogo	Item	Descrição
<i>Momento ofensivo</i>	1.1.1	Competência para desmarcar-se do defensor adversário
	1.1.2	Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros
	1.1.3	Competência de desmarcar-se entre linhas
	1.1.4	Competência para imprimir velocidade ao passe
	1.1.5	Competência de criar linha de passe segura ao portador da bola na ação de ataque
	1.1.6	Competência para tomar a decisão de finalizar a ação de ataque
<i>Momento defensivo</i>	1.2.1	Competência de exercer contenção pressionante ao adversário portador da bola
	1.2.2	Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços
	1.2.3	Competência para exercer cobertura defensiva aos companheiros
	1.2.4	Competência de reagir a pressão ao portador da bola encurtando os espaços e fechando linhas de passe
	1.2.5	Competência de acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções
	1.2.6	Competência de direcionar o ataque adversário ao setor desejado
	1.2.7	Competência de fechar as linhas de passe entre os setores

<i>Transição ofensiva</i>	1.3.1	Competência para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço com profundidade e alta intensidade
	1.3.2	Competência de desmarcar-se para apoio do portador da bola
	1.3.3	Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica
<i>Transição defensiva</i>	1.4.1	Competência de fechar espaços para equilíbrio defensivo
	1.4.2	Competência de temporização defensiva para retardar a ação adversária
	1.4.3	Competência de pressionar o portador da bola para recuperação rápida

O Quadro 6 apresenta os indicadores de competência tática referentes ao estatuto posicional de fixo nos diferentes momentos do jogo validados com grau de concordância superior a 80%.

Em relação ao estatuto posicional alas ou externos, foram propostos 22 indicadores de competência tática (Figura 12).

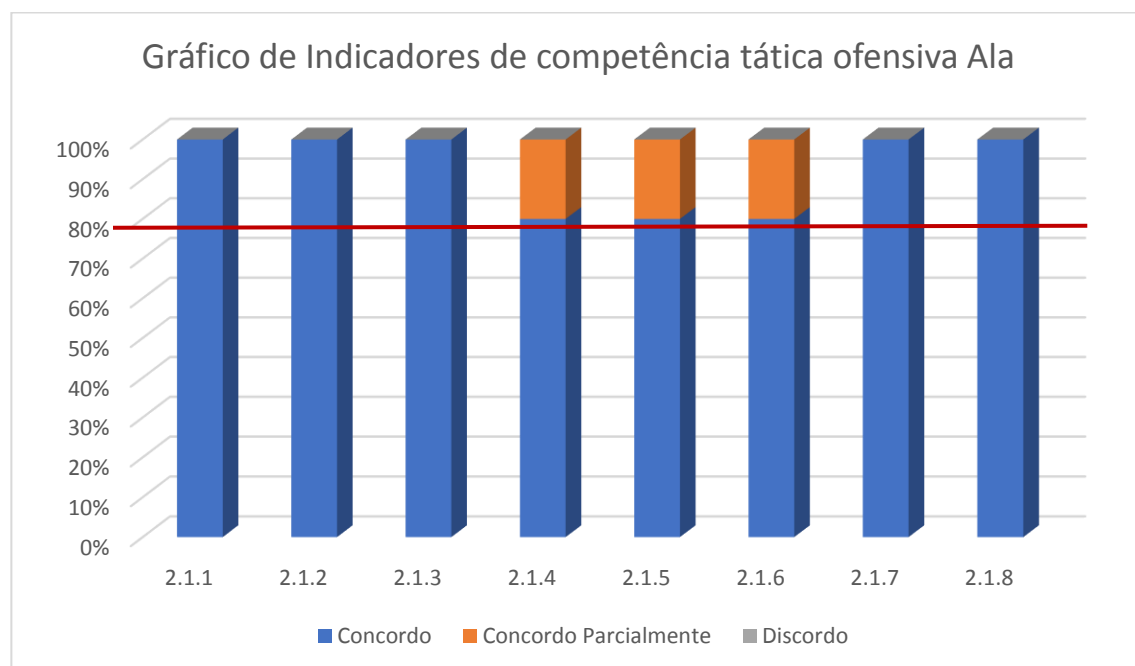


Figura 12: Gráfico de Indicadores de competência tática ofensiva Ala

A Figura 12 apresenta os indicadores de competência tática ofensiva propostos para o estatuto posicional ala, foram propostos 8 indicadores, que apresentaram grau de concordância maior que 80%, apenas os itens 2.1.4, 2.1.5 e 2.1.6 obtiveram 80% de “concordo” e 20% de “concordo parcialmente”. Os demais indicadores resultaram em uma validação com 100% de “concordo”.

Em seguida apresentaremos as propostas em relação ao momento defensivo (Figura 13).

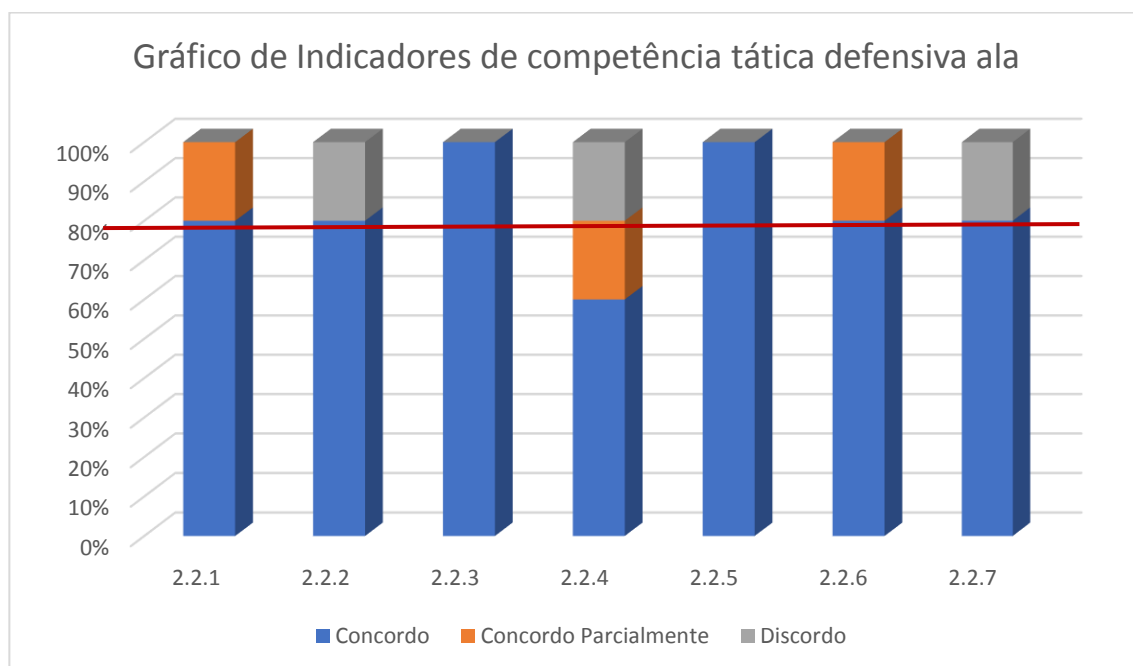


Figura 13: Gráfico de Indicadores de competência tática defensiva ala

A Figura 13 elucida a peritagem em relação aos indicadores de competência tática do momento defensivo em relação aos alas propostos aos peritos. Foram explorados 7 indicadores propostos, em que todos obtiveram grau de concordância superior a 80%.

Nota-se que o item 2.2.4 apresentou maior variabilidade entre os peritos, indicador este que obteve 60% de “concordo” 20% de “concordo parcialmente” e 20% de discordo. Já em relação aos indicadores de competência 2.2.2 e 2.2.7 o grau de concordância foi de 80% com 20% dos peritos discordando destes indicadores, porém, atingindo a nota de corte e sendo válidos. Obtiveram 80% de “concordo” e 20% de “concordo parcialmente” os também validados indicadores 2.2.1 e 2.2.6.

No estatuto posicional alas apenas dois indicadores apresentaram

unanimidade de concordância, os itens 2.2.3 e 2.2.5 foram os que obtiveram 100% de “concordo” dos peritos.

Ainda referente aos alas ou externos, foi solicitado aos peritos que analisassem 7 indicadores em relação aos momentos de transição (Figura 14).

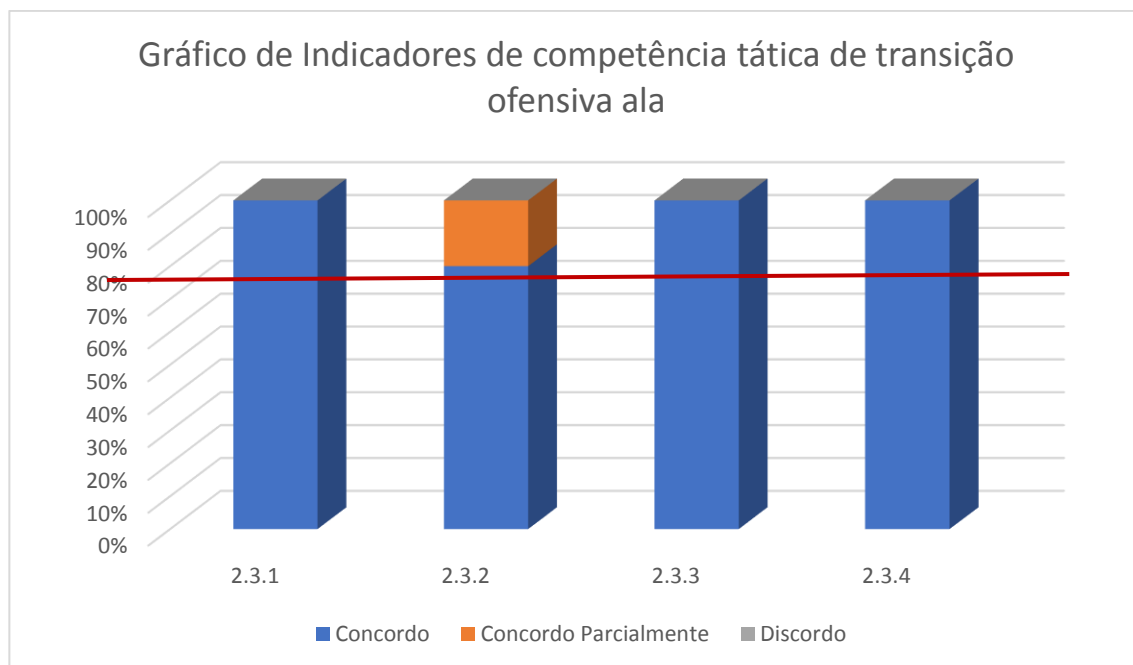


Figura 14: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição ofensiva ala

Em relação aos indicadores de competência tática de transição ofensiva, foram propostos 4 indicadores ao estatuto posicional alas ou externos, todos alcançaram o grau de concordância de 80%, suficiente assim para validação.

Observando a Figura 14 podemos notar que apenas o indicador 2.3.2 obteve 20% de “concordo parcialmente” e 80% de “concordo”, ao passo que os demais itens foram validados com unanimidade de “concordo” pelos peritos.

Foi proposto aos peritos que analisassem 3 indicadores de competência tática em relação ao momento de transição defensiva realizado pelos alas, nota-se que este momento foi o que mais apresentou divergências entre os peritos (Figura 15).

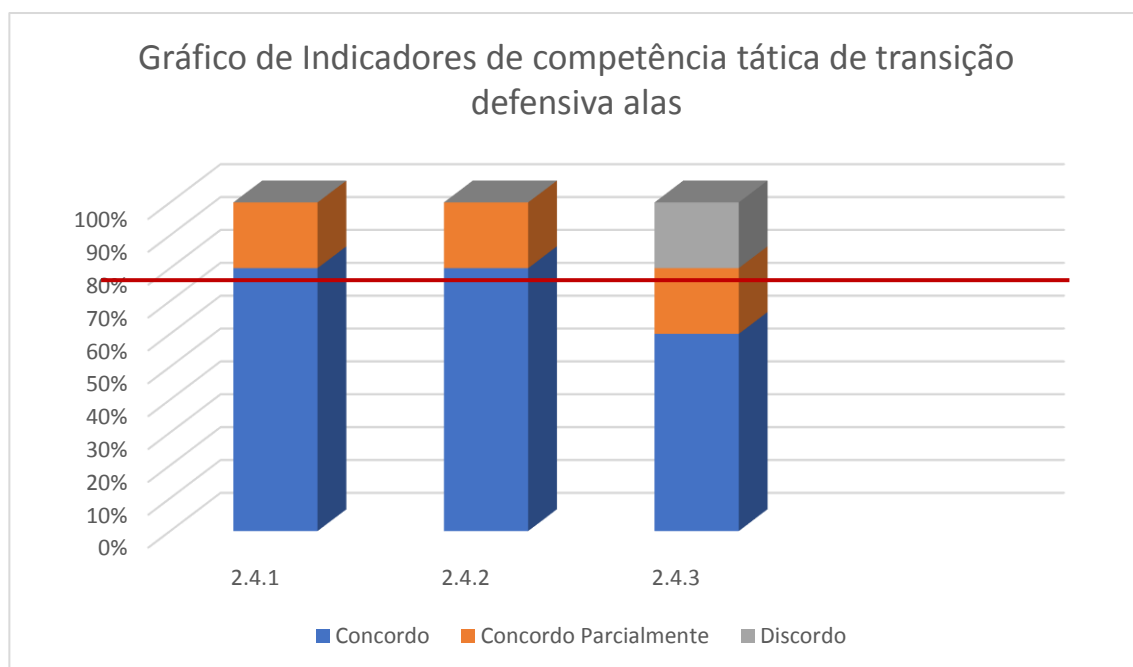


Figura 15: Gráfico de Indicadores de competência tática de transição defensiva alas

Nota-se que todos os indicadores obtiveram grau de concordância de 80%, sendo assim suficiente para a validação. Porém ficou claro com os números apresentados de que não houve unanimidade em nenhum dos itens, demonstrando assim, ser o momento de transição defensiva o instante do jogo com maior diversidade de opiniões e conceitos.

No Quadro 7 apresentaremos os indicadores de competência tática validados referente ao estatuto posicional alas (externos).

Quadro 7: Indicadores de competência tática validados estatuto posicional alas

Momento do Jogo	Item	Descrição
<i>Momento ofensivo</i>	2.1.1	Competência para desmarcar-se do defensor adversário
	2.1.2	Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros
	2.1.3	Competência de desmarcar-se entre linhas
	2.1.4	Competência de andar de posse de bola para desequilibrar a defesa adversária e sequenciar o jogo
	2.1.5	Competência para imprimir velocidade ao passe

	2.1.6	Competência de desmarcar-se em rotura
	2.1.7	Competência de criar linha de passe segura ao portador da bola na ação de ataque
	2.1.8	Competência para tomar a decisão de finalizar a ação de ataque
<i>Momento defensivo</i>	2.2.1	Competência de exercer contenção pressionante ao adversário portador da bola
	2.2.2	Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços
	2.2.3	Competência para exercer cobertura defensiva aos companheiros
	2.2.4	Competência de reagir a pressão ao portador da bola encurtando os espaços e fechando linhas de passe
	2.2.5	Competência de acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções
	2.2.6	Competência de direcionar o ataque adversário ao setor desejado
	2.2.7	Competência de fechar as linhas de passe entre os setores
<i>Transição ofensiva</i>	2.3.1	Competência para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço com profundidade e alta intensidade
	2.3.2	Competência de desmarcar-se para apoio do portador da bola
	2.3.3	Competência de desmarcar-se em profundidade
	2.3.4	Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica
<i>Transição defensiva</i>	2.4.1	Competência de fechar espaços para equilíbrio defensivo
	2.4.2	Competência de temporização defensiva para retardar a ação adversária
	2.4.3	Competência de pressionar o portador da bola para recuperação rápida

O Quadro 7 apresentou os indicadores de competência tática individual fundamentais para jogadores de futsal propostos na pesquisa e validados pelos peritos consoante ao estatuto posicional alas ou externos, com grau de concordância mínimo de 80%.

Em seguida apresentaremos os resultados obtidos na validação dos indicadores do estatuto posicional pivô ou avançado. Onde foram propostos 19 indicadores (Figura 16).

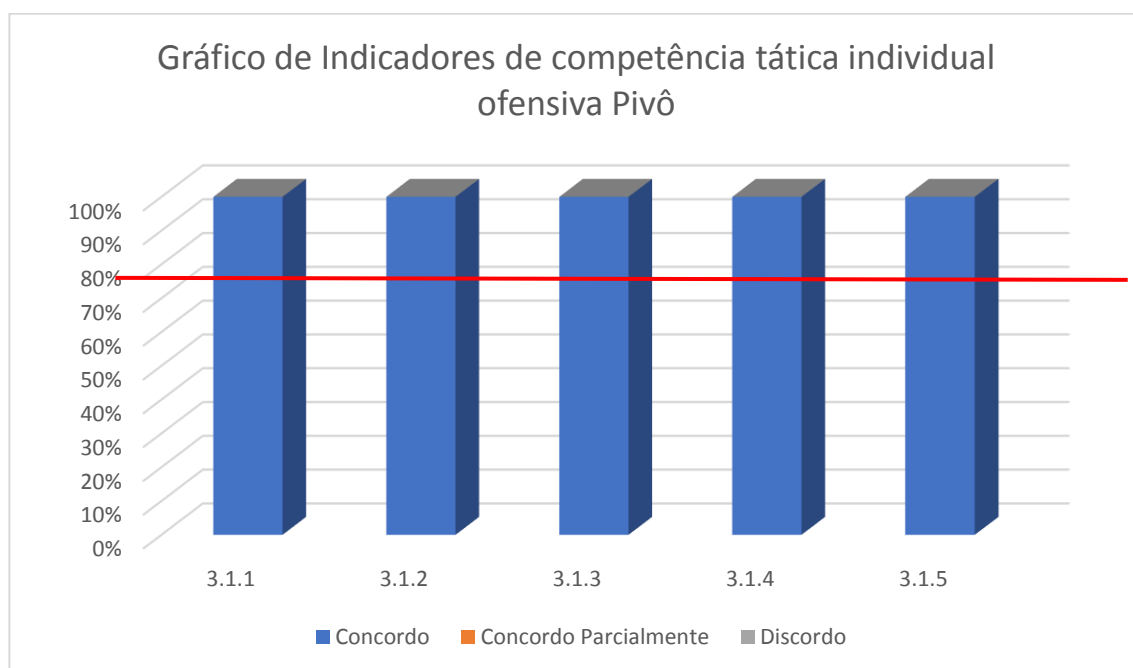


Figura 16: Gráfico de Indicadores de competência tática individual ofensiva Pivô

O estatuto posicional pivô apresentou menos indicadores táticos ofensivos que os demais, porém obteve grau de concordância de 100% entre os peritos nos cinco itens propostos para este momento.

Podemos notar com a Figura 17 que os itens 3.2.1, 3.2.3 e 3.2.4 obtiveram 100% de concordância entre os peritos. Já em relação aos itens 3.2.5, 3.2.6 e 3.2.7, houve 80% de “concordo”, ao passo que 20% responderam com “concordo parcialmente”. No item 3.2.2, 20% dos peritos assinalou discordar do indicador, enquanto que 80% concordaram com este, obtendo assim o grau mínimo de concordância.

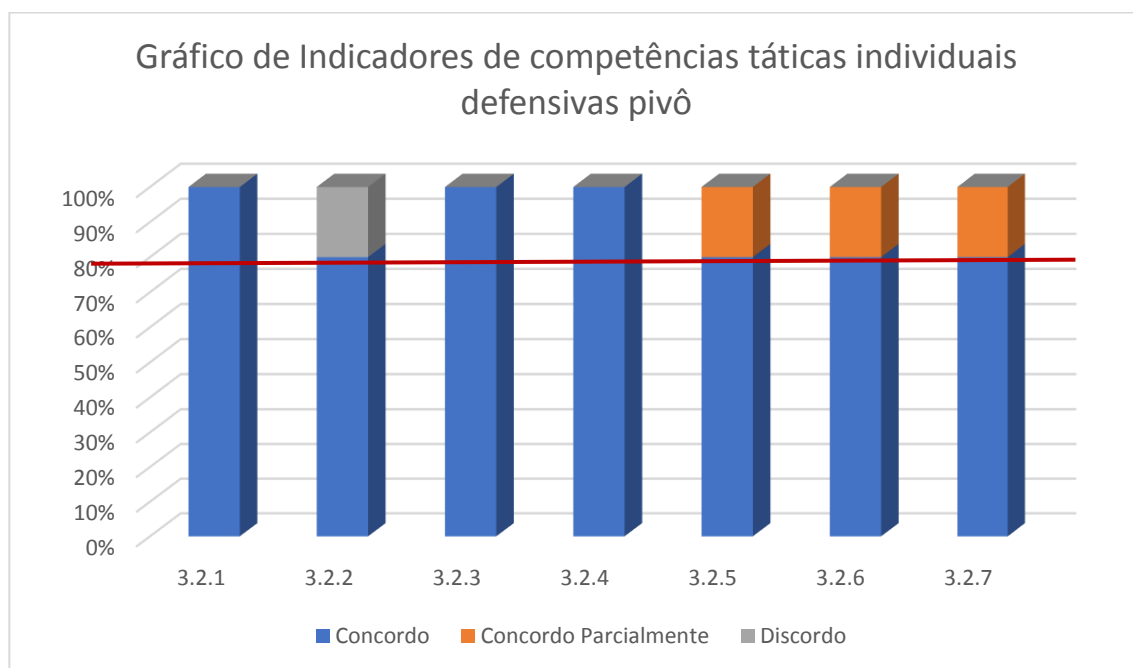


Figura 17: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais defensivas pivô

Todos os sete itens propostos para o momento defensivo foram validados pelos peritos. Porém, diferentemente do momento ofensivo, a fase de defesa do jogo dos pivôs apresentou alguma divergência entre os experts, apontando assim maior heterogeneidade no pensamento defensivo das ações dos avançados ou pivôs para os peritos.

Agora apresentaremos os indicadores propostos para os momentos de transição referentes ao estatuto posicional pivô (Figura 18).

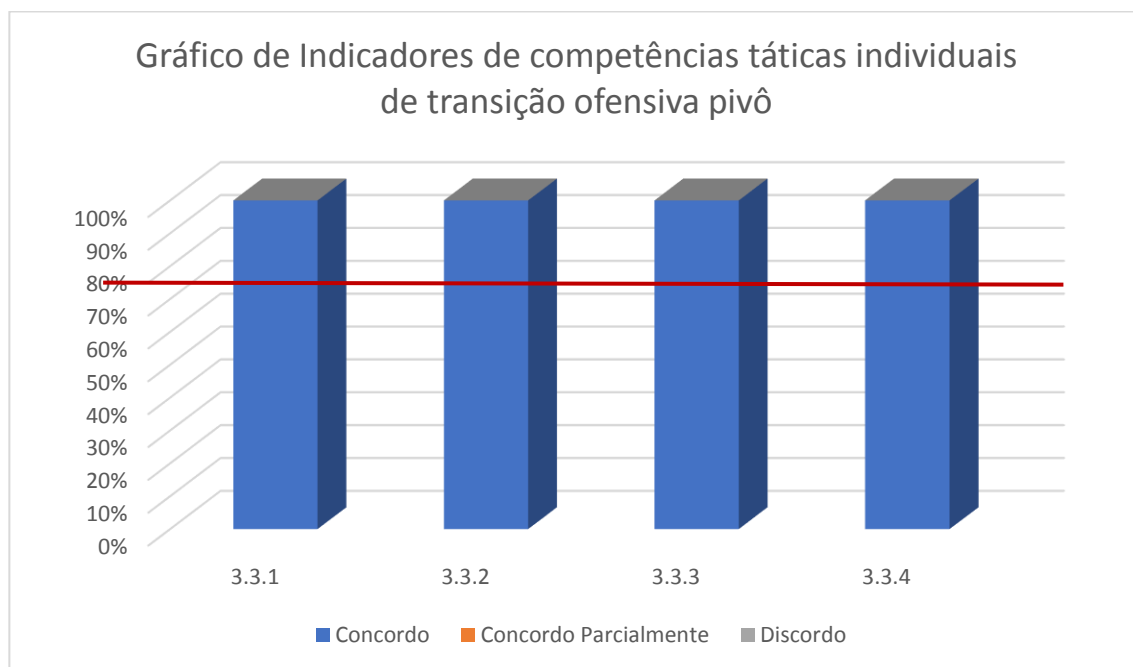


Figura 18: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais de transição ofensiva pivô

A Figura 18 assim como a 16 apresentada anteriormente evidencia a unanimidade de concordância entre os peritos para os indicadores propostos para pivôs, desta vez no momento de transição ofensiva, todos os quatro itens propostos foram validados com grau de concordância de 100% entre os experts.

Conforme apresenta a Figura 19, nota-se que o indicador 3.4.1 apresentou 80% de “concordo” e 20% de “concordo parcialmente”. O item 3.4.3 obteve validação com grau de concordância de 80%, a despeito dos 20% discordantes deste. Já o item 3.4.2, apresentou 100% de concordância entre os peritos, a transição defensiva mostrou maior gama de pensamentos entre os peritos em relação aos indicadores, demonstrando que os princípios de defesa destes apresenta diferenças estruturais refletidas nas escolhas dos itens fundamentais dos jogadores.

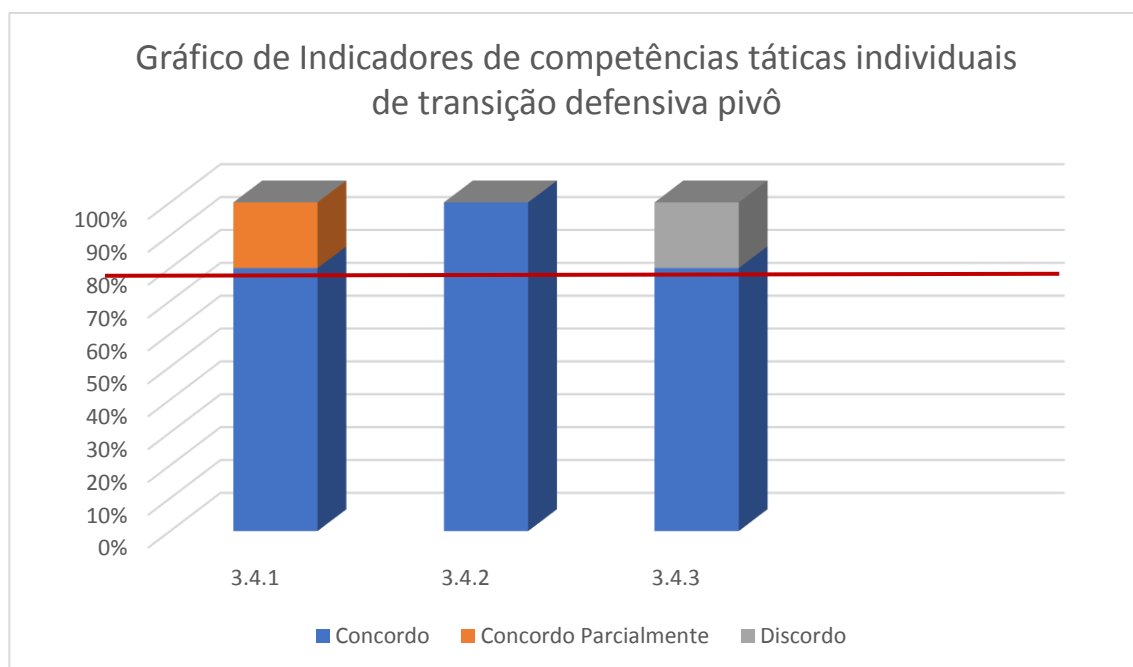


Figura 19: Gráfico de Indicadores de competências táticas individuais de transição defensiva pivô

No Quadro 8 apresentamos os indicadores de competência tática validados para o estatuto posicional pivô ou avançado.

Quadro 8: Indicadores de competência tática validados estatuto posicional pivôs

Momento do Jogo	Item	Descrição
Momento Ofensivo	3.1.1	Competência para desmarcar-se do defensor adversário
	3.1.2	Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros
	3.1.3	Competência de desmarcar-se entre linhas
	3.1.4	Competência de desmarcar-se em rotura
	3.1.5	Competência para tomar a decisão de finalizar a ação de ataque
Momento Defensivo	3.2.1	Competência de exercer contenção pressionante ao adversário portador da bola
	3.2.2	Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços
	3.2.3	Competência para exercer cobertura defensiva aos

		companheiros
	3.2.4	Competência de reagir a pressão ao portador da bola encurtando os espaços e fechando linhas de passe
	3.2.5	Competência de acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções
	3.2.6	Competência de direcionar o ataque adversário ao setor desejado
	3.2.7	Competência de fechar as linhas de passe entre os setores
Transição Ofensiva	3.3.1	Competência para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço com profundidade e alta intensidade
	3.3.2	Competência de desmarcar-se para apoio do portador da bola
	3.3.3	Competência de desmarcar-se em profundidade
	3.3.4	Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica
Transição Defensiva	3.4.1	Competência de fechar espaços para equilíbrio defensivo
	3.4.2	Competência de temporização defensiva para retardar a ação adversária
	3.4.3	Competência de pressionar o portador da bola para recuperação rápida

Apresentados os indicadores de competências táticas fundamentais para jogadores de futsal se estabelecerem na categoria adulta validados pelos peritos com grau de concordância maior de 80%, algumas considerações se fazem pertinentes.

Assim, como já explicado por Saad (1997); Santana (2004), (2019) e Voser (2001) o jogo de futsal apresenta-se de maneira a exigir que seus jogadores sejam cada vez mais completos e universais. Os autores explicam que com a evolução tática e das regras dos últimos anos o futsal reclama que os jogadores de bom nível devem exercer funções universais em quadra, isto é,

precisam deter competências táticas que os propicie desenvolver o jogo e ser efetivo nas diversas posições da quadra e nos diversos momentos, facto corroborado nesta investigação. Pode-se notar que dos 23 indicadores propostos 17 foram validados em todos os estatutos posicionais, ou seja 73,91% dos indicadores de competência tática para jogadores de futsal foram validados para todos os estatutos posicionais apresentados.

Deste modo, como advoga Ferretti (2000, 2006); Gambier (2008); Saad (2002) e Voser (2001) a presente pesquisa se alinha ao facto de que o jogador de futsal deve dominar as competências táticas necessárias para executar uma defesa correta, independentemente do estatuto posicional em que atua, foram propostos 7 indicadores para todos os estatutos que foram validados de forma unânime pelos peritos, isto é, todos os indicadores de defesa validados são semelhantes entre os estatutos posicionais. Neste contexto fica evidente que o jogador de futsal de bom nível deve apresentar competências táticas que os ancore no sentido de que este esteja apto a atuar nas mais variadas posições e situações impostas pelo jogo.

CAPÍTULO VI

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como norte realizar o construto de indicadores de competências táticas fundamentais para jogadores de futsal possam ser considerados expertos na modalidade.

Para tal foram tomadas algumas providencias a citar: consulta literária e observação de jogadores modelo em jogo para o construto dos indicadores propostos, proposição em questionário para apreciação de peritos na modalidade e validação dos indicadores com grau de concordância superior a 80% pelos peritos.

Foram propostos 23 indicadores dos quais todos foram validados, destes 17 se fizeram presentes em todos os estatutos posicionais, evidenciando assim a universalidade do jogador de futsal.

O estatuto posicional Fixo ou central teve a validação de 19 indicadores, nos permite concluir que para os peritos esta função apresenta assim como os demais uma universalidade no momento defensivo e de transição defensiva, porém, no momento ofensivo guarda alguma responsabilidade na construção das jogadas e suporte para os demais jogadores.

Já os Alas foram os que segundo a investigação aponta devem deter o maior número de indicadores, 23 competências foram validadas para este estatuto posicional. A pesquisa apontou que os Alas ou Externos, devem apresentar competências que os possibilite atuar em todas os momentos de construção de jogadas, desenvolvimento e finalização das mesmas, bem como nas ações de transições.

Para os Pivôs foram validados 20 indicadores. Os peritos evidenciam que nesta função o jogador deve obter as mesmas competências defensivas que os demais estatutos posicionais, porém no momento ofensivo estes devem, segundo a investigação, serem mais efetivos no desenvolvimento e finalização das ações, sendo suportados pelos fixos e dialogando com os alas.

A partir da validação destes indicadores sugere-se a sua aplicabilidade de forma prática a suportar treinadores e pesquisadores.

Na identificação de características relativas aos estatutos posicionais e a contextualização dos diversos indicadores de competência com intuito de desenvolvimento longitudinal do jogador.

Na percepção dos comportamentos do jogador em referência aos indicadores de competência e possíveis alterações e correções por parte do

treinador.

Auxiliar os treinadores e observadores no momento de seleção de jogadores estabelecendo um conjunto de indicadores a serem observados nos jogadores de futsal, para que estes munidos do referencial de competências consigam suportar suas decisões com intuito de selecionar os jogadores mais competentes no momento de formatação da equipa.

Desta forma, surge com essa pesquisa um instrumento de ancoragem para observações e decisões com referência aos aspetos da competência tática dos jogadores de futsal e sua aplicabilidade dentro do contexto das equipas nas diferentes fases do processo de formação dos jogadores bem como para sua seleção já no momento de obtenção de resultados.

7. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

Baseando-se no construto dos indicadores de competências táticas revelados nesta investigação, algumas situações se insurgiram de modo a verificar lacunas no conhecimento científico que possam ser suplantadas futuramente contribuindo com a incessante busca pelo conhecimento desportivo.

Um aspeto que se mostra relevante seria a investigação das diferenças de domínio das competências em jogadores de diferentes níveis através da observação destes em seus contextos para se traçar um comparativo entre os diferentes níveis.

Outro fator a ser estudado é a evolução dos jogadores nos escalões de formação, observando-se nos diferentes clubes se estes estão desenvolvendo as competências táticas dos jogadores consoante sua história/cultura.

Uma questão relevante seria o desenvolvimento de uma metodologia de ensino-aprendizagem que aborde todos os indicadores de competência abordados e que estes sejam desenvolvidos consoantes as seus contextos.

Contudo, cabe também uma observação e escalonamento de importância de indicadores, isto é, observar e valorar em graus de importância os indicadores de competência de acordo com sua implicação no sucesso dos jogadores em relação ao domínio do indicador.

CAPÍTULO VIII

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C. F. de. Caracterização Das Competências Dos Jogadores De Futebol Relativo Aos Diferentes Estatutos Posicionais (2016).
- Amaral, R., & Garganta, J. (2005). A modelação do jogo em Futsal . Análise sequencial do 1x1 no processo ofensivo. *Rev Port Cien Desp*, 3(V), 298–310.
- Barreira, D. (2013). *Tendências evolutivas da dinâmica tática em futebol de alto rendimento: Estudo da fase ofensiva nos campeonatos da Europa e do Mundo, entre 1982 e 2010*. Universidade do Porto.
- Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos colectivos*. (Dinalivro, Ed.). Lisboa.
- Best Club In The World. (2017). Consult July 18, 2018, disponível em <http://awards.futsalplanet.com/voting>
- Bravo, L., & Oliveira, M. T. (2012). Comportamentos táticos no jogo de futsal: os princípios do jogo. *Millenium*, 42, 3.
- Braz, J. (2006). Organização do jogo e do treino em futsal.
- Castelo, J. (1999). *Fútbol: estructura y dinámica del juego*. Barcelona: INDE.
- Chaves Chaves, J. L.; Ramírez Amor, J. A. (1998). *Táctica y estrategia en fútbol sala: situaciones de ataque y defensa*. Barcelona: Hispano Europea.
- Costa Junior, E.; Souza, S. C. (2005). *Futsal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Ferretti, F. (1998). Tempos de ataque. Consult July 8, 2018, disponível em <http://www.ferrettifutsal.com>
- Ferretti, F. (2000). As linhas da defesa. Consult July 8, 2018, disponível em <http://www.ferrettifutsal.com>
- Ferretti, F. (2006). *Futsal, Apostila Pós Graduação*. Londrina.
- Fonseca, G. M.; Silva, M. A. (2002). *Jogos de futsal: da aprendizagem ao treinamento*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Gambier, P. (2008). Os princípios do contra-ataque. Consult July 1, 2018, disponível em <http://www.ferrettifutsal.com/artigos3>
- Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de futebol*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J. (1998). *O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências*. (Movimento, Ed.), *Movimento (ESEFID/UFRGS)*; Porto.
- Garganta, J. (2006^a). *Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com pés... e cabeça*. Lisboa: Visão e

Contextos Ltda.

- Garganta, J. (2006b). fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. *Revista Brasileira de Educação Física.*, 20, 201–203.
- Gaspar, P. (2005). Tomadas De Decisão No Desporto : O Seu Ensino Em Jovens Atletas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.*
- Guilherme, J. (2004). *Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo.* Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Hernandez-Nieto, R. (2002). *Contributions to statistical analysis.* Mérida: BookSurge Publishing.
- Jerónimo, H. M. (2006). A peritagem científica perante o risco e as incertezas. *Análise Social*, 41(181), 1143–1165.
- Junior, J. R. A. (1999). *O jogo do futsal, técnico e tático, na teoria e na prática.* Curitiba: Expoente.
- Junior, J. R. A. (2007). *Futsal: aquisição, iniciação e especialização.* Curitiba: Juruna.
- Kamp, J. van der, Rivas, F., Doorn, H. van, & Savelsbergh, G. (2008). Ventral and dorsal contribution to visual anticipation in fast ball sports - Introduction. *International Journal of Sport Psychology*, 39(2), 97–99.
- Lozano Cid, J., & Niño Gutierrez, S. (2002). *Táctica en alta competición.* Madrid: Federación Madrileña de Fútbol-Sala.
- Magill, S. G. H. M. R. (1998). Benefits of Providing Cognitive Performance Strategies to Novice Performers Learning a Complex Motor Skill. *Perceptual and Motor Skills*, 86, 976–978.
- Manuel Iega, J. (2001). *El fútbol sala: pasado, presente y futuro – La evolución de las reglas, la técnica y los sistemas de juego.* Madrid: Gymnos.
- Moreira, V. J. P., Da Silva Matias, C. J. A., & Greco, P. J. (2013). A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no conhecimento tático processual no futsal. *Motriz. Revista de Educação Física*, 19(1), 84–98.
- Pinto, R. Conhecimento Declarativo (2005).
- Rossetto, K. (2016). *Perfil da estratégia do linha/goleiro no na liga futsal 2014.* Universidade Estadual de Londrina.
- Saad. (1997). *Futsal: iniciação técnica e tática: sugestões para organizar a sua*

- equipe. Santa Maria: Editora da UFSM.
- Saad. (2002). *Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sampedro, J. (1998). *Futbol Sala las acciones del juego, Análisis Metodológico de los Sistemas de Juego* (Gymnons). Madrid.
- Santana, W. C. D. E. (2004). *Apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização*. Campinas: Autores Associados.
- Santana, W. C. D. E. (2006). Tempo de incidência dos gols em equipes de diferentes níveis competitivos na Copa do Mundo de futsal. *Lecturas En El Educación Física y Deportes.*, 101.
- Santana, W. C. D. E. (2008). A visao estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal, 262.
- Santana, W. C. D. E. (2019). *Pedagogia do futsal: jogar para aprender* (1st ed.). Londrina: Companhia Esportiva.
- Teoldo Costa, I., Guilherme, J., & Garganta, J. (2015). *Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes* (Vol. 1). Curitiba: Appris.
- Tonetto, L. M., Kalil, L. L., Melo, W. V., Schneider, D. D. G., & Stein, L. M. (2006). O papel das heurísticas no julgamento e na tomada de decisão sob incerteza. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23(2), 181–189.
- Travassos, B. (2013). The effect of expertise on decision making in sport - a meta-analysis. *Psychology of Sport e Exercise*, 14, 211–214.
- Travassos, B. (2019). *A tomada de decisão no futsal* (3rd ed.). Porto: Prime Books.
- Trivinões, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciência sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Voser, R. (2001). *Futsal: Princípios Técnicos e Táticos*. Canoas: Ulbra.

CAPÍTULO IX

9. ANEXOS

Anexo I – Declaração de Consentimento

Anexo II – Questionário aos Peritos

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Estudo: Indicadores de competências táticas fundamentais para atletas de futsal se estabelecerem na categoria adulta.

Eu, _____
_____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da investigação que se tenciona realizar. Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e, no caso de as ter feito, de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo.

A minha participação neste estudo foi realizada através de uma entrevista semi- estruturada, gravada em formato de áudio, aspecto sobre o qual fui previamente informado e com o qual concordei.

Foi-me igualmente explicado que todos os dados obtidos serão utilizados única e exclusivamente para fins científicos.

Por isso, consinto que seja aplicado a pesquisa proposta pelo investigador Kaueh Vinicius Ramos rossetto. Este estudo é realizado sob a orientação do Professor José Guilherme Granja de Oliveira.

Data: ____/____/ 2019

Assinatura: _____

O Investigador responsável

Assinatura: _____

FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO - FADEUP

2º Ciclo em Treinamento Desportivo para jovens.

QUESTIONÁRIO AOS PERITOS

1. Identificação

1.1 Nome: _____

1.2 Data de nascimento: ____ / ____ / ____

1.3 Grau Acadêmico: _____

1.4 Profissão: _____

1.5 Clube ou Seleção em que é treinador atualmente: _____

2. Experiência prática

2.1 Como treinador

2.1.1 Anos de atividade _____

2.1.2 Categoria, clube/seleção e período/anos:

CLUBE/SELEÇÃO	CATEGORIA	PERÍODO/ANOS

2.1.3 Possui curso de treinadores?

- ☐ Nível I
- ☐ Nível II
- ☐ Nível III
- ☐ Nível IV (Pró)

2.2 Como praticante desportivo

2.2.1 Foi praticante de futsal?

- ☐ Não
- ☐ Sim, durante quantos anos? ____ Posição: ____

2.2.2 Quais os clubes e escalão que jogou?

CLUBE	ESCALAO	PERIODO/Nº DE ANOS

2.2.3 Integrou seleções nacionais?

☐ Não

☐ Sim:

CATEGORIA	PERIODO/Nº DE ANOS

3. Experiência Acadêmica

3.1 Como docente

3.1.1 Anos de atividade _____

3.1.2 Instituição, função e período:

INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	Nº DE ANOS

- 4 Análise de concordância aos indicadores de competência de diferentes estatutos posicionais, relacionados aos diferentes momentos do jogo.

Responda de acordo com o seu nível de concordância para cada um dos indicadores, respeitando a classificação inicial abaixo:

1 – Concordo; 2 – Discordo (Sugestão); 3 – Concordo parcialmente (Sugestão).

Caso selecionar entre as opções 2 ou 3, discorra sua opinião sobre o indicador.

4.1 Estatuto Posicional Fixo (Beque, Central)

4.1.1 Competências táticas individuais ofensivas

		Sugestão de Linguagem apropriada
1 Competência para desmarcar – se do defensor adversário	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de desmarca – se entre linhas	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência para imprimir velocidade ao passe	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência de criar linha de passe segura ao portador da bola na ação de ataque	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
6 Competência para tomar a decisão de finalizar a ação de ataque	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.1.2 Competências Táticas Individuais Defensivas

1 Competência de exercer contenção pressionante ao adversário portador da bola.	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência para exercer cobertura defensiva aos companheiros de equipa	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de reagir a pressão ao portador da bola, encurtando os espaços e fechando linhas de passe	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
6 Competência de	(1) Concordo (2) Discordo	

direcionar o ataque adversário para o setor desejado	(3) Concordo Parcialmente	
7 Competência de fechar as linhas de passe entre setores	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.1.3 Competências Táticas Individuais de Transição Ofensivas

1 Competência para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço em profundidade com alta intensidade	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de desmarcar – se para apoio do portador da bola	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.1.4 Competências Táticas Individuais de Transição Defensivas

1 Competência de fechar os espaços para equilíbrio defensivo	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de Temporização	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

Defensiva para retardar a ação adversária		
3 Competência de pressionar o portador da bola para recuperação rápida	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.2 Estatuto Posicional Alas (Externos)

4.2.1 Competências Táticas Individuais Ofensivas

1 Competência para desmarcar – se do defensor adversário	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de desmarca – se entre linhas	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de andar de posse da bola para desequilibrar a defesa adversária e sequenciar o jogo de ataque	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência para imprimir velocidade ao passe	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
6 Competência de desmarcar – se em rotura	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
7 Competência de criar linha de passe segura ao portador da bola na ação de ataque	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

8 Competência para posicionar - se com intuito a finalizar a ação de ofensiva	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
--	---	--

4.2.2 Competências Táticas Individuais Defensivas

1 Competência de exercer contenção pressionante ao adversário portador da bola.	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência para exercer cobertura defensiva aos companheiros de equipa	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de reagir a pressão ao portador da bola, encurtando os espaços e fechando linhas de passe	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
6 Competência de direcionar o ataque adversário para o setor desejado	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
7 Competência de fechar as linhas	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

de passe entre setores		
------------------------	--	--

4.2.3 Competências Táticas Individuais de Transição Ofensiva

1 Competência para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço em profundidade com alta intensidade	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de desmarcar – se em profundidade	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de desmarcar – se para apoio do portador da bola	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.2.4 Competências Táticas Individuais de Transição Defensiva

1 Competência de fechar os espaços para equilíbrio defensivo	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de Temporização Defensiva para retardar a ação adversária	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de pressionar o portador da bola	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

para recuperação rápida		
-------------------------	--	--

4.3 Estatuto Posicional Pivô (Avançado)

4.3.1 Competências Táticas Individuais Ofensivas

1 Competência para desmarcar – se do defensor adversário	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência para abrir espaços que sejam aproveitados por companheiros	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de desmarca – se entre linhas	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Projetar se as costas, Desmarcar se em rotura	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência para posicionar - se com intuito a finalizar a ação de ofensiva	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.3.2 Competências Táticas Individuais Defensivas

1 Competência de exercer	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
---	---	--

contenção pressionante ao adversário portador da bola.		
2 Competência para realizar o equilíbrio de equipa para fechar espaços	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência para exercer cobertura defensiva aos companheiros de equipa	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de reagir a pressão ao portador da bola, encurtando os espaços e fechando linhas de passe	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
5 Competência acompanhar o adversário com intuito de estar equilibrado para as contenções	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
6 Competência de direcionar o ataque adversário para o setor desejado	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
7 Competência de fechar as linhas de passe entre setores	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.3.3 Competências Táticas Individuais de Transição Ofensiva

1 Competência	(1) Concordo (2) Discordo	
--------------------------	------------------------------	--

para ao recuperar a posse de bola atacar o espaço em profundidade com alta intensidade	(3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de temporizar a ação de transição com intuito de efetuar superioridade numérica	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de desmarcar – se em profundidade	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
4 Competência de desmarcar – se para apoio do portador da bola	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

4.3.4 Competências Táticas Individuais de Transição Defensiva

1 Competência de fechar os espaços para equilíbrio defensivo	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
2 Competência de Temporização Defensiva para retardar a ação adversária	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	
3 Competência de pressionar o portador da bola para recuperação rápida	(1) Concordo (2) Discordo (3) Concordo Parcialmente	

Sugestões

Estatuto Posicional	Fase do Jogo	Sugestão
